UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

DILMA MARIA DA COSTA SANTOS

COLEÇÃO DE INSTRUMENTOS MÉDICOS DO NÚCLEO DE MEMÓRIA HAYDÉE GUANAIS DOURADO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Salvador

2018

DILMA MARIA DA COSTA SANTOS

COLEÇÃO DE INSTRUMENTOS MÉDICOS DO NÚCLEO DE MEMÓRIA HAYDÉE GUANAIS DOURADO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Museologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Profª. Dra. Sidélia Santos Teixeira.

Salvador

2018

SANTOS, Dilma Maria da Costa.

Coleção de Instrumentos Médicos do Núcleo de Memória Haydée Guanais Dourado da Escola de Enfermagem - UFBA/ Dilma Maria da Costa Santos. Salvador, 2018.

Orientadora: Sidélia Santos Teixeira.

TCC (Graduação em Museologia) - Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018. 60 f.

1. Colecionismo - 2. Coleção Científica - 3. Instrumentos Médicos - 4. Tipologia de Acervo.

DILMA MARIA DA COSTA SANTOS

COLEÇÃO DE INSTRUMENTOS MÉDICOS DO NÚCLEO DE MEMÓRIA HAYDÉE GUANAIS DOURADO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM – UFBA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovação em: 31 de julho de 2018.

Sidélia Santos Teixeira - Orientadora_____
Doutora em Estudos Contemporâneos, Universidade de Coimbra - Universidade Federal da Bahia.

Darci de Oliveira Santa Rosa_____
Pós-Doutora em Bioética, Açores - PT. Universidade Federal da Bahia.

José Joaquim de Araújo Filho_____
Mestre em Museologia - Universidade Federal da Bahia.

DEDICATÓRIA

Dedico essa vitória às minhas filhas;
À minha família, e a todos que torceram, incentivaram e não me deixaram desistir.

AGRADECIMENTOS

A Deus sempre.

Aos amigos e amigas sempre presentes.

Minha família.

À minha orientadora, pelo incentivo e por acreditar no trabalho.

Ao Departamento de museologia.

À Maria Cristina Martins.

Às meninas do Apartamento Industrial.

Aos colegas do curso.

Aos colegas de estágio.

A Escola de Enfermagem UFBA.

A todos vocês, meu muito obrigado! O aprendizado e crescimento foram constantes, assim como as angustias, as dúvidas, o cansaço, mas, sem dúvida, cada minuto valeu a pena, os dias compartilhados em sala de aula, nos eventos e nos estágios. Agora é chegada a hora de concluir mais uma etapa nessa longa jornada que é a vida!

OBRIGADO!

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar a coleção de objetos médicos do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Buscaremos assim, analisar os usos e funções dos instrumentos médicos na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia e possibilitar a compreensão da coleção, como também contribuir para sanar as lacunas de informação existentes nas fichas de identificação dos objetos, bem como aprimorar a inserção de determinados objetos em coleções de acordo com seu uso, ampliando assim, os dados que farão parte da base de dados do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem, contribuindo com a intenção da comunidade da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia que é a preservação da história da Escola de Enfermagem – Universidade Federal da Bahia.

Palavras chave: Colecionismo; Coleção Científica; Instrumentos Médicos; Tipologia de Acervo.

ABSTRACT

This work aims to study the collection of medical objects of the Memory Nucleus of the Nursing School of the Federal University of Bahia. We will thus analyze the uses and functions of medical instruments in the School of Nursing of the Federal University of Bahia and make it possible to understand the collection, as well as contribute to the information gaps in the identification cards of the objects, as well as to improve the insertion of certain objects in collections according to their use, thus broadening the data that will be part of the database of the Memory Center of the School of Nursing, contributing with the intention of the community of the Nursing School of the Federal University of Bahia, which is the preservation of the history of the School of Nursing - Federal University of Bahia.

Keywords: Collecting; Scientific Collection; Medical Instruments; Typology of Collection.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Enfermeira em atividade manuseando e medindo medicamento. 30
Ilustração 2 - Alunas em atividades no laboratório com supervisão de professor. 30
Ilustração 3 - Enfermeira no desenvolvimento de atividade hospitalar. 31
Ilustração 4 – Jarras de inox. 36
Ilustração 5 - Frasco de aspiração a vácuo. 36
Ilustração 6 – Irrigador de vidro. 37
Ilustração 7 – Pinça. 37
Ilustração 8 – Frasco de soro. 38
Ilustração 9 - Cuba de vidro. 38
Ilustração 10 – Campânula. 39
Ilustração 11 – Umidificador alternativo. 39
Ilustração 12 – Tabela relação entre instrumentos. 41
Ilustração 13 – Objetos de práticas em enfermagem. 42
Quadro 1 - Disciplinas ligadas aos Departamentos. 24
Quadro 2 – Materiais dos objetos. 34
Quadro 3 – Objetos de atividades da área da saúde 34

LISTA DE SIGLAS

ABEN/BA	Associação Brasileira de Enfermagem- Seção Bahia
CONSUNI	Conselho Universitário
CTEE	Centro Tecnológico da Escola de Enfermagem
C&T	Ciência e Tecnologia
DECOM	Departamento de Enfermagem Comunitária
DEMCAE	Departamento de Enfermagem Médico Cirúrgico e Administração de Enfermagem
EEUFBA	Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia
ICOM	Conselho Internacional de Museus (International Concil of Museum)
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MuNEAN	Museu Nacional de Enfermagem Anna Nery
NUMEE	Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem
UFBA	Universidade Federal da Bahia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **12**
2 CAPÍTULO I **15**
2.1 COLECIONISMO E COLEÇÕES CIENTÍFICAS 16
2.2 UMA REFLEXÃO SOBRE A MUSEOLOGIA 18
3 CAPÍTULO II **21**
3.1 A ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA 21
3.2 O NÚCLEO DE MEMÓRIA HAYDÉE GUANAIS DOURADO 26
3.3 AS COLEÇÕES DO NUMEE 28
4 CAPÍTULO III **33**
4.1 A COLEÇÃO DE INSTRUMENTOS MÉDICOS 34
4.2 REFLEXÕES SOBRE A COLEÇÃO DE INSTRUMENTOS MÉDICOS 44
CONSIDERAÇÕES FINAIS **46**
REFERÊNCIAS **48**
APÊNDICE A **51**
APÊNDICE B **52**
APÊNDICE C **54**
APÊNDICE D **58**
ANEXO **61**

1 INTRODUÇÃO

Como integrante do grupo de estagiários do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (NUMEE-UFBA), no período de 2015/2018, atuando em atividades de documentação, pesquisa e conservação preventiva, percebemos no desenvolvimento de atividades na área de documentação e inserção de dados do acervo (na planilha Excel) e no preenchimento das fichas de identificação da coleção de Instrumentos Médicos, problemas para encontrar em fontes bibliográficas e arquivísticas elementos para ajudar a identificar alguns objetos da citada coleção. Assim, era necessário desenvolver uma ação para complementar os registros de documentação. Dessa forma, constatamos durante o referido trabalho a dificuldade em encontrar fontes que nos orientassem no preenchimento de alguns campos referentes aos objetos tais como: denominação, função e uso, bem como, a procedência e outros dados sobre a trajetória dos bens incluídos no acervo do NUMEE-UFBA.

A busca sem sucesso por informações nos levou a solicitar ajuda de enfermeiras das primeiras turmas que, depois de formadas passaram a compor o quadro de docentes atuando na instituição, na tentativa de fazer o reconhecimento e obter suporte para identificar alguns destes objetos, já que fizeram parte do seu dia-a-dia, seja em suas aulas práticas ou em situações de trabalho.

A necessidade de identificação dos objetos se faz necessário para que os mesmos possam ser devidamente colocados em suas respectivas coleções, já que alguns podem ganhar utilidades diferentes as que lhes foram pensadas, dando assim lugar ao desconhecimento de suas reais funções. Desta forma, muitas vezes atribuem-se funções de acordo com sua finalidade atual, ou seja, a que normalmente, conhecemos, pois está associada ao uso atual.

Diante destas considerações elaboramos as seguintes questões: quais os critérios que deveremos utilizar para denominar uma coleção? Uma peça deixa de ter sentido original ao ser utilizado de forma diferente? Para obter respostas as nossas inquietações encaminhamos e-mail para algumas professoras e utilizamos algumas fontes bibliográficas para o desenvolvimento do presente trabalho. Nessa busca, realizamos também algumas entrevistas com enfermeiras que fizeram parte das primeiras turmas do curso de Enfermagem da UFBA, na tentativa de obter dados, que nos ajudassem na identificação das peças.

Tivemos retorno da Professora Dra. Darci de Oliveira Santa Rosa[1], que ao reconhecer, por meio de fotografias os objetos, enviou-nos informações, que ajudaram na identificação, e na reordenação do objeto na coleção, já que alguns foram inseridos em coleções de acordo com sua utilidade. O que nos deixa a dúvida em relação à tipologia do acervo, ou seja, os objetos fabricados para uma determinada finalidade teriam perdido sua função inicial de uso a que foram destinadas? Por exemplo, (Jarras para suco: objetos domésticos) teriam se adaptado à função de jarras para banho (objetos de uso médico/enfermagem) fazendo pensar nas funções e resignificações do objeto museológico. A hipótese principal desse trabalho é de que os objetos no seu contexto de uso podem assumir utilizações diversas das funções originais do contexto de fabricação. Essas questões nos levam a propor o seguinte tema de estudo para a monografia de fim de curso: Coleção de Instrumentos Médicos do Núcleo de Memória Haydée Guanais Dourado da Escola de Enfermagem - UFBA. Trata-se de estudo de coleção em que buscaremos reunir elementos que possam auxiliar e ampliar a identificação dos objetos que a compõem. Com esse objetivo pretendemos também abordar a história da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia; a criação e fins do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem – UFBA, hoje denominado Núcleo de Memória Haydée Guanais Dourado em homenagem à primeira diretora da Escola no ano de 1946 e apresentar um painel das coleções do NUMEE, destacando a coleção de instrumentos Médicos.

A metodologia adotada para a execução deste trabalho teve inicio com a pesquisa bibliográfica e arquivística. Fizemos consultas em trabalhos acadêmicos, pesquisas online, documentos do arquivo da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, documentos do arquivo do NUMEE como, os inventários que relacionam a compra/doação de objetos feita a EEUFBA pela Reitoria para os departamentos onde seriam utilizados, o Regimento interno e o Estatuto da EEUFBA. Além disso, realizamos também entrevistas com roteiro especifico (Apêndice A) e conversas informais com uma funcionária[2] da escola que contribuiu indicando professores que poderiam auxiliar no trabalho. Também utilizamos meios eletrônicos de comunicação com professoras para identificação de objetos a partir das fotografias, além disso, os relatórios semestrais do nosso estágio foram norteando a pesquisa,

---

[1] Darci de Oliveira Santa Rosa Profª Associada, Doutora em Enfermagem, Pós Doutora em Bioética/ Polo Açores-PT. Lotada na Coordenação Acadêmica de ENF-UFBA/ Profª Permanente PPGENF /UFBA Membro do Núcleo de Apoio a Periódicos da UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Ética e Exercício da Enfermagem - EXERCE - UFBA/CNPQ. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4834447829679470>. Acesso em: 09 maio 2018.

[2] D. Elza Maria Almeida Vieira; 66 anos; funcionária pública: Auxiliar administrativo e secretária de orçamentos e finanças da EEUFBA; presta serviços a instituição desde 1992, portanto, há 26 anos.

até chegarmos à identificação dos objetos a partir do uso a que eram atribuídos e a terminologia usada após o presente estudo. Assim, os mesmos poderão ser classificados em coleções, e também serão utilizados como fonte documental, contribuindo para o fortalecimento e abrangência da Memória da Escola de Enfermagem e o Núcleo de Memória Haydée Guanais Dourado – UFBA.

Este trabalho será apresentado em três capítulos, abordaremos no Cap. I – O Colecionismo tratando da formação de coleções científicas a partir dos gabinetes de curiosidades e uma reflexão museológica a partir do conceito de Museu. No Cap. II – Apresentaremos um histórico da Escola de Enfermagem – UFBA; o Núcleo de Memória Haydée Guanais Dourado, as coleções que compõem o acervo NUMEE, destacando e apresentando a Coleção de Instrumentos Médicos nosso objeto de estudo; No Cap. III – Trabalharemos com a coleção de Instrumentos Médicos, fazendo uma reflexão desta coleção e a problemática de sua denominação, por fim, apresentaremos nossas Considerações finais.

2 CAPÍTULO I

Iniciaremos este capítulo com uma introdução ao colecionismo, uma prática de acúmulo de objetos desenvolvida no século XVI e XVII, feito pelos descobridores, missionários e mercantes em viagens ao redor do mundo. Um aglomerado com peças de diferentes espécies eram expostos nos chamados gabinetes de curiosidades, que eram as salas onde se abrigavam os bens que inicialmente eram privilégio da nobreza e do Clero, sendo mais tarde aberta para visitação do público. Com o grande volume de objetos armazenados e a diversidade, viu-se a necessidade de uma separação e organização dessas peças, muitas delas oriundas de origem animal e vegetal foram considerados de ciências naturais, dando inicio a formação das coleções científicas, consequentemente houve a formação de outras coleções como de artes e antropologia, originando uma proliferação de museus para abrigar as novas coleções. Nesse sentido, veremos que os gabinetes de curiosidades tiveram papel determinante no processo de formação das coleções e abertura de museus.

> Tem sido possível documentar a existência de coleções, desde a fundação da nacionalidade e ao longo de todo o período medieval, através de inventários e de testamentos da Casa Real e da nobreza, assim como dos bens da Igreja, em mosteiros, conventos, catedrais, igrejas de peregrinação, paróquias, ermidas e capelas. Provenientes de instituições religiosas, muitos destes bens artísticos, arqueológicos e científicos, considerados entesouramento sagrado, persistiram até aos nossos dias protegidos pelo apego comunitário das populações, caso dos tesouros das Sés de Braga, Coimbra e Évora. O Renascimento conheceu a formação de coleções recolhidas pelos humanistas, cujo inventário geralmente associava a classificação e a datação como elementos descritivos. Os colecionadores deste período histórico - príncipes da Igreja e do Estado, e eruditos interessaram-se sobremaneira pela recolha de especímenes arqueológicos, epigráficos, numismáticos, artísticos, naturais e científicos. (BRIGOLA, 2011, p. 43).

Percebemos que a recolha de antiguidades e objetos muitas vezes desconhecidos feitas por estes viajantes colecionadores, deram origem ao acúmulo de materiais, muitos de origem desconhecidas, sendo necessária uma organização que possibilitou a formação das coleções científicas, sendo parte dos objetos originários das ciências naturais como, por exemplo, espécimes animais, vegetais, instrumentos cuja origem era desconhecida. A exposição destas peças aguçava a curiosidade da população e, consequentemente, um aumento da visitação aos locais onde encontravam-se expostos, ocasionado um crescimento no número de museus para abrigar e expor tais objetos de ciências e coleções de diversas tipologias.

2.1 COLECIONISMO E COLEÇÕES CIENTÍFICAS

As diferentes formas e espécies das ciências naturais receberam a denominação de coleções científicas. Sua expansão deu origem a uma variedade de coleções como podemos observar nos relatos de Soto (2014, p. 58) [...] “durante a época das grandes explorações e descobrimentos dos séculos XVI e XVII, se colecionavam uma multiplicidade de objetos raros ou estranhos dos três reinos considerados pela biologia na época: animália, vegetalia e mineralia; além daqueles que eram produtos do trabalho humano.” Com grande número de objetos oriundos das três áreas das ciências naturais, os Gabinetes de Curiosidades estimularam algumas instituições públicas de ensino a constituírem suas próprias coleções científicas já no século XVIII. Ainda de acordo com Soto (2014, p. 59), [...] “a formação destas coleções, teve inicio com o colecionismo e a expansão dos gabinetes com o acúmulo de objetos, foi uma realidade vivenciada em várias localidades, e por alguns séculos, até que se chega a um sistema de classificação para tais objetos”.

Ao iniciar a classificação dos objetos, novas coleções começam a ser constituídas. Os diferentes objetos procedentes de novas explorações ou instrumentos desconhecidos despertam a curiosidade de cientistas e pesquisadores que vão impulsionar as atividades nos museus. Assim,

> Os princípios humanistas deste período contribuíram no desenvolvimento de uma concepção de colecionismo que, além do valor hedonistíco e econômico dos acervos, também reconheciam o seu valor formativo e/ou científico. No contexto do Iluminismo pode-se reconhecer os fatores que impulsionaram o surgimento dos museus contemporâneos. Uma das características do período iluminista trata da busca por explicações das mais variadas questões do mundo, em especial aspectos relacionados às pesquisas em ciências naturais. [...] A chamada cultura da curiosidade vai sendo substituída por uma atitude mais contextualizada e especializada, que valoriza a busca pelo conhecimento através do estudo das coleções, dos objetos museais. A partir daí começam a surgir às divisões do acervo, as obras passam a ser classificadas e dessa divisão teremos a origem dos museus especializados, nesse momento, especificamente, temos os museus de belas artes e os de ciências naturais (SOTO, p. 60 - 61).

Lourenço (2000) discorre sobre os objetos encontrados nos mais variados museus de ciência e técnica e propõe uma classificação utilizando como critério a função ou propósito de construção. Assim, para a autora os objetos podem ser: científicos, construídos para utilização na pesquisa científica; pedagógicos, utilizados no ensino da ciência; e de divulgação da ciência, usados para disseminar a ciência para o público em geral.

De acordo com suas pesquisas alguns autores afirmam que, o Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia (C&T) abrange uma gama variada de objetos e tipologias.

Granato, Maia e Santos (2014, p.11) atesta que [...] “a inclusão de bens utilizados em atividades de pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico não tem seu valor reconhecido.” Ainda utilizando de autores como Granato; Santos; Furtado e Gomes percebemos que embora os instrumentos científicos sejam pouco reconhecidos eles despertam o interesse da ciência e afirma que:

> Embora o estudo de instrumentos como parte constitutiva da ciência seja algo já bastante recorrente, escrever uma história dos instrumentos de ciência é algo relativamente novo. O interesse pelo estudo destes objetos teria se iniciado por volta do século dezoito, muito provavelmente, junto com o interesse de se escrever uma história do progresso do conhecimento humano e da civilização (GRANATO et. al, 2007, p. 3).

Uma definição para instrumentos científicos é designada por Figueirôa, quando opta por uma demarcação ampla e define a expressão "instrumentos científicos" como um nome coletivo para denominar um conjunto de objetos:

> [...] instrumentos, aparatos, máquinas, etc. que executam a função de mediadores entre o mundo, nossa percepção dele e o conhecimento que construímos sobre ele. Nesse sentido, instrumentos científicos, por meio de seus usos e circulação, sobrepõem e conectam diferentes contextos cultural e profissional e áreas disciplinares, permitindo análises com focos no técnico, tecnológico e educacional, ou ainda, na interconexão desses (FIGUEIRÔA, 2014, p. 15-16).

Para Granato “et. al” (2014) as coleções de instrumentos científicos e tecnológicos são compostas por grupos de objetos que foram retirados do circuito de uso para os quais foram produzidos, não possuem mais finalidade utilitária, e devem estar acessíveis ao público pensando em museus. Nessa condição são desligados das atividades econômicas, e submetidos a uma proteção especial ocorrida em local adequado, que lhes confere a identidade de objetos preciosos, possuindo, paradoxalmente, um valor de troca, apesar de nunca perderem seu valor de uso.

> [...] aqueles bens que participaram do cotidiano dos laboratórios de pesquisa do país e contribuíram para o desenvolvimento da ciência e tecnologia no Brasil. Tais bens estão em centros de pesquisa, nas universidades, nas escolas técnicas e, em sua maioria, não têm seu valor reconhecido [...] (GRANATO, 2014, p. 12).

Trabalhos produzidos por Marcus Granato e Claudia Penha, museólogos do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST – Rio de Janeiro) contribuem para a discussão sobre o problema da identificação do que vem a ser “Instrumentos Científicos”, ou a denominação dos objetos propriamente ditos. Embora descartem as áreas de Medicina, Biologia e Odontologia em estudos de Instrumentos de C&T, (Ciência e Tecnologia), interessam os aspectos que tratam da polêmica sobre obsolescência dos instrumentos e a formação de

coleções universitárias. Vinculadas à emergência de novos atores sociais (os cientistas), as coleções de instrumentos científicos procederiam de:

> [...] uma mudança de atitude no que respeita ao invisível de que se tenta restringir os limites da natureza, forjando, para o referir, uma nova linguagem: a da teoria matemática, que, a partir daquilo que se vê, deve permitir chegar a conclusões infalíveis sobre o que não se pode ver (POMIAN, 1984, p. 78).

Podemos observar que objetos oriundos das ciências naturais eram predominantes no colecionismo e abundantes nos gabinetes de curiosidades. Eram advindos em sua maioria de minerais, vegetais, partes humanas e animais e, a separação destas espécies deu origem às coleções cientificas e a formação de novas coleções com a valorização do fazer humano. No caso das obras de arte colecionadas as variedades na tipologia dos objetos propiciaram a abertura de novos museus e a ampliação da visitação pública.

Portanto, o estudo de coleções é um fator concernente na formação do acervo. As atividades de documentação propiciam a definição e classificação dos objetos, contribuindo para a definição de tipologia dos museus que irão abrigar e expô-los, onde também servirão como fontes para pesquisa e conhecimento.

A partir destas reflexões percebemos que o conjunto de objetos formado por instrumentos de especialidades variadas do NUMEE, pode ser considerado de acordo com estes autores como “instrumentos científicos”.

2.2 UMA REFLEXÃO SOBRE A MUSEOLOGIA

Para iniciar nossa reflexão sobre museologia faz-se necessário revermos a definição de museu que, de acordo com o International Concil of Museum, ICOM, Nº 11.904 de 2009:

> Consideram-se museus, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (ICOM, 2009).

Buscando outras definições consideramos a de Mário Chagas que nos dá amplitude para a definição de museus corroborando com a ideia de que a existência de paredes e objetos não o identifica.

> O museu pode ser tanta coisa [...] mas, entre as tantas coisas que ele pode ser interessa pensá-lo como espaço de encontro, de convivência, de cantoria, de cidadania, de resistência, de lazer e de luta, tendo como pano de fundo a memória e

> o esquecimento, a preservação e a destruição. Interessa compreender, de mãos dadas com os poetas, que o problema dos museus não está nas coisas e sim naquilo que lhes confere sentido, que o não tangível é capaz de alimentar o tangível com vida e movimento e que a experiência poética no 'canto' museu pode subverter a ordem museológica estabelecida, criar novas possibilidades de leitura e gerar admiração, estupefação e assombro e com isso produzir conhecimento ali mesmo, no coração do inesperado (CHAGAS, 2002, p. 26 - 27).

Nesse sentido, é importante compreender o significado de Museologia. No que diz respeito à Museologia, Guarnieri (1989, p. 9) a define como uma "ciência aplicada ou uma ciência auxiliar dos grandes ramos do conhecimento humano [...]". Portanto, temos a museologia como uma atividade multidisciplinar, uma ciência que busca o desenvolvimento científico, filosófico, psicológico e sua importância no processo de construção do conhecimento social, como também, fontes de entretenimento, fomentando a sociabilidade entre os povos por meio de ações desenvolvidas nos museus e em áreas afins.

Do ponto de vista da Museologia formam-se coleções a partir da separação do objeto do contexto original, discutindo a natureza do objeto de museu Mensch (1992) escreve:

> Objetos de museus são objetos separados de seu contexto original (primário) e transferidos para uma nova realidade (o museu) a fim de documentar a realidade da qual foram separados. Um objeto de museu não é só um objeto em um museu. Ele é um objeto coletado (selecionado), classificado, conservado e documentado. Como tal, ele se torna fonte para a pesquisa ou elemento de uma exposição. (MENSCH apud SANTOS; LOUREIRO, 2012, p.62).

Na ânsia de comprovar o que é memorizado, os vestígios da ação humana passam a ser percebidos como 'documentos', representam não só a Natureza e o Cosmos, mas também a trajetória das sociedades. Nesse momento em que o material se sobrepõe ao conceitual, a memória vincula-se para sempre ao documento, representação do real. O imaginário é presentificado já não mais pelas Musas, mas pelo objeto. E é na dimensão do objeto, da sua materialidade, que o Museu passa a ser desde então reconhecido; é também pelo objeto que reconhecemos a sua trajetória no tempo, até quase os dias atuais. O museu passa a ser, desde então, uma instância de criação do mito através da 'fala' reificada do objeto (SCHEINER, 2008, p. 62).

Para concluir nossa reflexão museológica utilizaremos um trecho do texto de Bellaigne, no qual a autora define que o objeto pode ser:

> [...] símbolo, mensagem, interprete. [...]. O objeto, imóvel e silencioso é carregado de perguntas que justamente ele levanta: seja ele obra de arte ou de etnografia, paisagem ou monumento original ou substituto, este fragmento de real possui um valor, uma significação, ligações contextuais, potenciais, um impacto, e tudo isso de tal diversidade que o museu unidisciplinar não tem condição de atender. Todo objeto é polissêmico (BELLAIGNE, 1992, p. 4).

Diante disso, observamos que os objetos são portadores de informações extrínsecas e intrínsecas, passiveis de pesquisa e incorporação no contexto da área museológica.

Relacionando os objetos alternativos da coleção de instrumentos médicos com a definição de museologia, percebemos que a resignificação do objeto aconteceu, logo, ele deixou de exercer sua função original e passou a ter uma nova utilização, mas nem por isso, deixou de transmitir informação, de servir como fonte de pesquisa e um documento. Sua importância no desenvolvimento das práticas de enfermagem o faz ter o valor documental de um original, mesmo sendo um objeto adaptado para atender necessidades, era um objeto único, não uma cópia, uma réplica.

No caso da formação das coleções da escola de enfermagem, o agrupamento de objetos deu-se com o fim do período (1974 - 1975), em que a EEUFBA funcionava como residência. A modernização de material para atendimento de uma nova fase pela qual passaria a escola, fez com que o acúmulo de objetos inutilizáveis fossem agrupados em locais inadequados, chamando assim a atenção de um grupo de professoras e funcionários que os recolheu e percebendo seu real significado na trajetória da instituição, solicitaram ao Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), colaboração na preservação e formação destas coleções que hoje, compõem o acervo do NUMEE, como forma encontrada para preservação da história da Escola de Enfermagem da UFBA e da formação da enfermeira em Salvador – Bahia.

3 CAPÍTULO II

Neste capítulo, composto por subsessões, estaremos abordando no item 3.1 o histórico da Escola de Enfermagem uma instituição criada para atender e capacitar profissionais do sexo feminino. Pontuaremos alguns fatos que foram marcantes no desenvolvimento de sua história desde a criação, o período em que funcionou como residência abrigando estudantes e professoras, os requisitos necessários para admissão das alunas na escola, a criação e desativação dos departamentos, a grade curricular implantada no inicio do curso, o fim da residência na década de 1970, a reforma curricular e o desejo de criação de um espaço para preservação dos objetos que se tornaram o acervo do Núcleo de Memória.

No item 3.2, apresentaremos o núcleo de memória, um projeto de criação desenvolvido no cinquentenário da EEUFBA com intuito de preservação de sua memória, hoje denominado Haydée Guanais Dourado em homenagem a sua primeira diretora.

No item 3.3, destacaremos as coleções do NUMEE, a formação do acervo feito por objetos utilizados na escola desde sua criação, na residência e em atividades de ensino em salas de aula, no laboratório ou em atividades de estágio em hospitais.

3.1 A ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

A Escola de Enfermagem da UFBA foi criada em 22 de janeiro de 1946, com o objetivo de formar enfermeiras para dar suporte ao primeiro hospital universitário da Bahia, o Hospital Prof. Edgar Santos. Em 25 de fevereiro de 1947, pelo Decreto nº. 22.637, a Escola foi incorporada à Universidade da Bahia, com o início das aulas em 12 de março de 1947. Complementando o histórico apresentado, Oliveira (2001, p. 20) conta que [...] “a instalação da escola se insere do nascente processo de industrialização do país que, naquela fase, sacudia todos os setores da vida do país, inclusive o setor saúde, com o movimento de organização de novos hospitais e de reorganização de outros hospitais públicos”.

O então Reitor da Universidade da Bahia, professor Edgard Santos, entendeu que um novo modelo de hospital escola exigia a presença da enfermeira de “alto padrão” [3].

---

[3] Enfermeira alto padrão, era um referencial as enfermeiras de bons antecedentes, diplomadas nas escolas de tradição anglo-americana.

A criação da Escola de Enfermagem e a sua incorporação à Universidade da Bahia foi obra deste Reitor, que propiciou condições satisfatórias para a sua instalação, a composição do seu corpo docente e estruturação do seu currículo, enfim, para o desenvolvimento das suas atividades. O Reitor contribuiu para que a Escola se tornasse uma organização que viria servir de modelo, não apenas para a própria Universidade, mas para instituições similares no país (OLIVEIRA, 2001).

O Reitor foi à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP) e, com o apoio da então diretora Edith Magalhães Fraenkel, identifica Haydée Guanais Dourado[4] como tendo o perfil adequado para a diretoria da nova Escola. Enfermeira "alto padrão", funcionária do Ministério da Educação e Saúde, bacharel em ciências sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, pós-graduada pela Universidade de Toronto, Canadá, e membro do corpo docente da Escola de Enfermagem da USP, Haydée Dourado iniciou o seu trabalho na Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia, seis meses depois da criação da Escola (OLIVEIRA, 2001).

Ainda de acordo com relatos da autora acima citada

> [...] as instalações físicas da diretoria da Escola limitavam-se, a princípio, à própria antessala do gabinete do reitor e, com o início do curso, recebeu uma sala nas dependências do Hospital das Clínicas, local este que servia, também, de hospedagem para as novas professoras. Somente depois de três anos da implantação do curso, a Escola de Enfermagem foi transferida para o moderno prédio de sete andares, onde se encontra até hoje, as instalações propiciavam um maior convívio entre as estudantes e entre estas e as professoras, além de facilitar o recrutamento para o curso, com estudantes do interior e de outros estados (OLIVEIRA, 2001, p. 22).

Os relatos de Sena (2001, p. 101) a respeito da residência na EEUFBA, nos dão conta que,

> [...] o prédio da escola, era espaçoso e confortável, atendia, plenamente, às características especiais do curso, inclusive alojamento para docentes e discentes. Seus sete andares á época estavam perfeitamente equipados para atender ao desenvolvimento do curso e oferecendo conforto e bem estar a professoras e alunas que nele residiam, assim como ao pessoal administrativo que nele desempenhava suas funções (SENA, 2001, p. 101).

Assim, continua a autora, à época de sua inauguração, a escola contava com salas de aulas amplas e bem aparelhadas, uma biblioteca adequada, secretaria e diretoria, sala de jogos, sala de saúde, refeitório, lavanderia (instalada algum tempo depois da inauguração), um

---

[4] Haydée Guanais Dourado. 1915 /2005 - primeira diretora da Escola de Enfermagem da Bahia. Fonte: BARREIRA, I de A. et, al. 2002.

grande pátio além dos já citados quartos individuais e duplos destinados às alunas. Os que eram reservados as professoras, situavam-se em outra ala, oposta à das estudantes. Contava, ainda, a escola com uma portaria onde todo pessoal que entrava e saia eram controlados. As alunas residentes, quando se ausentavam por motivos particulares, tinham como dever, assinar no livro de controle, anotando o lugar para onde estava indo, assim como a hora de saída e de retorno. A entrada noturna (toque de recolher) era até às 22hs estendendo-se até às 23hs uma vez por semana.

Quanto à residência para estudantes de acordo com o estatuto da escola de 1946, verificamos nos artigos nº 126º e 127º que tinham prioridade na admissão à residência as alunas cujas famílias residiam fora da capital. As normas para a Residência eram estabelecidas em regulamento aprovado pela Congregação e o Serviço da Residência tinha sob seu controle e fiscalização: Restaurante, limpeza e conservação do prédio da Escola; Confecções e lavanderia. O seu Parágrafo Único definia que as atribuições dos responsáveis por estes serviços seriam regulamentados por instruções baixadas pelo diretor da Escola.

Ao longo de várias décadas, foram introduzidas modificações na distribuição dos espaços da Escola, incluindo a residência das estudantes de enfermagem, que vinha de uma tradição anglo-americana e absorvida pelas Escolas Ana Nery e da USP. A residência da EEUFBA foi desativada nos anos 1970. Ainda de acordo com Oliveira (2001) após reunião da Congregação em 20 de novembro de 1974 a diretora comunicou o fechamento da Residência da Escola e do Restaurante para o ano seguinte (1975), em virtude do corte de verbas destinado à manutenção daqueles serviços (OLIVEIRA, 2001, p.149).

De acordo com Fernandes (2001), a EEUFBA foi mantida como Unidade de Ensino Profissional de Pesquisa Aplicada, conforme o Decreto nº 62.241/ 1968 que reestruturou a UFBA. Os departamentos foram implantados para organizar as disciplinas por setores. Um professor era nomeado pelo conselho departamental, desde que atendesse aos requisitos exigidos, ficando responsável pelo desenvolvimento das disciplinas. Um total de oito departamentos foi agrupado com as seguintes cátedras:

Quadro 1 - Disciplinas ligadas aos Departamentos

DISCIPLINAS LIGADAS AOS DEPARTAMENTOS	
DEPARTAMENTO I:	Fundamentos de enfermagem, Anatomia, Fisiologia, Bioquímica, Microbiologia e Parasitologia, Introdução á Patologia, Nutrição e Dietética;
DEPARTAMENTO II:	Enfermagem médica I e II e Farmacologia;
DEPARTAMENTO III:	Enfermagem Cirúrgica I e II;
DEPARTAMENTO IV:	Enfermagem Obstétrica e Ginecológica I, II e III;
DEPARTAMENTO V:	Enfermagem Pediátrica I e II;
DEPARTAMENTO VI:	Ética e História da Enfermagem, Ciências Sociais I, II e III, Enfermagem Psiquiátrica e Higiene Mental, Psicologia I e II;
DEPARTAMENTO VII:	Administração de Serviços de Enfermagem, Pedagogia e Didática;
DEPARTAMENTO VIII:	Enfermagem de Saúde Pública I, II, III e IV, Higiene e Saneamento, Educação Sanitária, Bioestatística e Epidemiologia I e II;

Fonte: Regimento da EEUFBA, 1964.

No ano de 1968, com a revisão do currículo o número de departamentos foi reduzido para quatro visando à reestruturação da UFBA. Em 1979, uma nova redepartamentalização acontece, dessa vez para atender a Resolução do Conselho Universitário que sugere a criação de apenas dois departamentos, surgindo assim o DECOM (Departamento de Enfermagem Comunitária) e DEMCAE (Departamento Médico de Enfermagem Cirúrgico e administração de Enfermagem), ficando cada um responsável por quatorze disciplinas. As modificações introduzidas foram incorporadas ao novo Regimento da Escola, aprovado pela Congregação em reunião em 10/04/1979 (OLIVEIRA, 2001, p. 151).

Em 09/05/2013, foi publicada a Resolução do Conselho Universitário 01/2013 (CONSUNI) aprovando o novo Regimento Interno da Escola de Enfermagem da UFBA. Na nova estrutura foram instaladas a Coordenação Acadêmica e a Coordenação Técnica, Administrativa e Financeira. Os departamentos foram extintos em 2013, quando se instituiu a Coordenação Acadêmica da Escola de Enfermagem da UFBA. (UFBA, 2013). Fato que levou à extinção dos departamentos e a instituição da Coordenação Acadêmica da Escola de Enfermagem da UFBA.

Tomando como base relatos contidos no memorial da escola de enfermagem destacaremos alguns fatos que de acordo com Fernandes e colaboradores (2001), marcaram a

história da EEUFBA, desde a sua implantação dentre os quais podemos elencar: 1- A Inauguração da Escola; 2 - Inserção da Escola na Comunidade Acadêmica da Universidade da Bahia; 3 - Formatura da primeira turma; 4 - Recrutamento de candidatas; 5 - Alterações Curriculares; 6 - Aumento da Procura pelo Curso de Enfermagem; 7 - O Golpe Militar; 8 - Curso de Enfermagem Obstétrica e Saúde Pública; 9 - Reforma Universitária; 10 - Inicio dos Estágios; 11 - Mudança na direção da Escola; 12 - O Hospital Edgar Santos como Órgão Suplementar; 13 - O corpo Docente; 14 - Renovações da diretoria; 15- Currículo dos Cursos de Enfermagem; 16 - Fechamento da Residência; 17 - Redepartamentalização; 18 - Extensão; 19 - Funcionários Administrativos; 20 - Curso de Mestrado; 21 - Expandindo e qualificando o Corpo docente; 22 - Inovando o Currículo de Graduação; 23 - Integrando com o Hospital Professor Edgar Santos; 24 - O Centro de Tecnologia Educacional em Enfermagem (CTEE); 25 - Revista Baiana de Enfermagem; 26 - Preservando a História – Cuidado com o Acervo Histórico da EE; 27 - O Curso de Especialização em Enfermagem para a Rede Básica de Saúde; 28 - Cinquentenário da Escola de Enfermagem, entre outros.

Sobre a importância da EEUFBA na sociedade baiana e a inserção de profissionais femininos capacitados para cuidar podemos destacar que:

> [...] a formação nessa área contribuiu também para a inserção da mulher no espaço acadêmico, profissional e político, proporcionando alternativas e possibilidades para sua autonomia e independência em diferentes graus, de acordo com os diversos períodos históricos. Portanto, longe de um referencial histórico consolidado que, muitas vezes, insiste em corroborar uma visão passiva e submissa das mulheres. (TEIXEIRA, 2011. p. 49).

Uma instituição idealizada para formação de grupos femininos e aperfeiçoar a forma de cuidar, vem dar à mulher a oportunidade de atividade acadêmica quando na época o que existiam eram escolas que preparavam as mulheres para as práticas do lar, ou cursos de magistério. A implantação do curso de enfermagem numa escola residência deu oportunidade a mulheres de várias regiões do estado. O interesse de mulheres pela profissão cresceu e ofereceu cada vez mais perspectiva e aperfeiçoamento para atender a demanda, venceu dificuldades, superaram crises, a ditadura militar chegou a bater as portas da escola em busca de alunas que diziam ser subversivas. (Memorial da escola e documentos confidencias do acervo NUMEE, 2001).

> [...] é claro que não vamos esquecer que a repressão ao movimento estudantil também esteve próximo de nossa escola. Ainda no calor do golpe, a escola foi visitada por uma patrulha do Exercito. Militares armados acompanhados de um conhecido professor desta universidade vieram à procura de alunas ‘subversivas’ e desejavam vistoriar a residência em busca de material igualmente ‘subversivo’. (OLIVEIRA, 2001, p. 74)

Outros fatos também foram marcantes para a EEUFBA como, por exemplo, a inauguração do prédio em dezembro de 1950 com estrutura em formato da letra F[5], uma alusão à letra inicial do nome da precursora da enfermagem Florence Nightingale (planta no arquivo NUMEE); implantação de nova grade curricular; o aproveitamento das formandas para compor o quadro docente sem mais a necessidade de contratar professores de outras instituições;[6] o termino da residência na década de 1970, ocasionando o acúmulo de diversos materiais como, móveis, documentos, objetos de uso e/ou em práticas de ensino; o ingresso em 1970 do primeiro aluno do sexo masculino na Escola de Enfermagem UFBA e as tentativas de criação do núcleo de memória como forma de preservar a história da escola de enfermagem da UFBA um desejo dos professores, funcionários e comunidade estudantil.

3.2 O NÚCLEO DE MEMÓRIA HAYDÉE GUANAIS DOURADO

De acordo com Teixeira (2011) o NUMEE tem por objetivo preservar, estudar e divulgar a memória e a história da Enfermagem e da Escola de Enfermagem da UFBA em particular. Criado em 1997[7] como parte das comemorações do Cinquentenário da Escola, transformando em realidade uma antiga reivindicação desta comunidade que sempre aspirou à criação de mecanismos de proteção de sua memória.

Desde 1989, houve algumas iniciativas de viabilização da referida proposta, tendo sido marcadas, ao longo dos anos, pela descontinuidade de suas ações. Em 2001, foi constituída uma comissão, formada por professores, servidores e estudantes para efetivar as atividades deste núcleo. Esta comissão contando com o apoio de uma museologa a partir do ano de 2001, continua empenhada no desenvolvimento de um projeto de implantação da exposição de longa duração através da elaboração de um plano museológico que contemple e valorize seu acervo. Para tanto, conta-se com a colaboração do Departamento de Museologia e das Pró-Reitorias de Extensão e Assistência Estudantil/Programa Permanecer que coordenam, patrocinam e divulgam às diversas atividades. A necessidade de se estabelecer um lugar que possa manter preservada a imagem e a história da instituição nos remete a Nora (1993, p.13) quando o mesmo afirma que:

---

[5] Especificações a respeito do formato do prédio em: TEIXEIRA (2011, p. 45).
[6] O quadro de docentes da Escola era constituído por professoras vindas de outros estados e mesmo de fora do país a convite do então Reitor Edgar Santos. Esse fato começou a mudar após a primeira turma de formandas passarem a compor o quadro de docentes.
[7] Ata do Conselho Departamental na gestão da diretora: Neusa Dias Andrade de Azevedo, 1993/1997.

> Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13).

Houve a demanda por parte da comunidade da EEUFBA, no sentido de evitar o esquecimento da história da escola de enfermagem que impulsionou o desejo de criação do Núcleo de Memória. Na verdade, foi uma forma encontrada de manter a salvaguarda dos objetos que após finalizada sua utilidade no aprendizado das práticas de enfermagem, corriam o risco de serem esquecidos e com eles a memória da enfermagem. O núcleo foi a forma encontrada para a preservação destas peças e, consequentemente, a valorização da história e memória da e Escola de Enfermagem e da profissão.

Uma organização e classificação museológica formaram as coleções que hoje compõem o acervo do NUMEE, e contarão a história e trajetória da EEUFBA, preservando a memória da instituição, pois de acordo com (Nora e Koury, p. 14) "Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo a história. A necessidade de memória é uma necessidade de história". A história da escola de enfermagem - UFBA está presente na memória das pessoas que estiveram ligadas direta ou indiretamente aos acontecimentos e a sua trajetória desde a criação do hospital universitário com a necessidade de enfermeiras para compor seu quadro no cuidado aos pacientes, a seleção das estudantes, ao ensino, a residência, ao processo de aquisição dos objetos que hoje compõem o acervo.

As comemorações do cinquentenário da Escola de Enfermagem da UFBA, em 1996, foi um dos motivos que levaram professoras e a diretora a Profª. Neusa Andrade de Azevedo a pensar na criação de um Memorial. Suas idealizadoras tinham como propósito organizar uma exposição com o acervo já existente e fizeram contato com o Departamento de Museologia, que atendendo a solicitação enviou uma equipe composta por cinco estagiários, sob a coordenação da Profª. Heloisa Helena F. G. Costa e a vice - coordenação da Profª. Maria das Graças Teixeira, que deram inicio ao trabalho de organização da coleção, inventário dos objetos, bem como a montagem da exposição comemorativa aos cinquenta anos da Escola.

A elaboração do projeto Museológico/Museográfico[8] inicial objetivava a implantação do Núcleo de Memória da EEUFBA e visava à preservação da história e memória não foi concretizado. Em 2007, após diagnóstico patrocinado pela Pró-Reitoria de Extensão onde se

---

[8] Informações retiradas do Projeto Museológico e ofícios que se encontram no Arquivo do NUMEE. DG. 374 - Pasta 34.

constatou que dentre os acervos da UFBA o da Escola de Enfermagem encontrava-se em degradadas condições de conservação, necessitando de intervenção urgente, fato que motivou o reinicio dos trabalhos no Núcleo de Memória de Enfermagem que se encontrava desativado[9]. A formação das coleções teve inicio com a reforma universitária em 1968 e o encerramento da residência na escola em 1974/1975. Assim, muitos objetos ficaram obsoletos e foram substituídos por outros mais modernos. Dessa forma algumas professoras e funcionários juntaram alguns dos objetos que integraram o cotidiano das enfermeiras que residiram na escola e viram na preservação dos mesmos a possibilidade de mostrar a evolução e o desenvolvimento da ciência médica.

A contribuição através da oralidade dos funcionários e professoras foi essencial para completar o reconhecimento e utilização dos objetos, ampliando assim, as informações necessárias para o desenvolvimento das práticas museológicas que possibilitaram à organização das coleções.

3.3 AS COLEÇÕES DO NUMEE

O NUMEE, atualmente é constituído por onze[10] coleções. Os critérios utilizados para a classificação, documentação e organização assim denominadas:

1 - Objetos Litúrgicos (religiosos), 2 - Mobiliário, 3 - Instrumentos Médicos, 4 - Utensílios Domésticos, 5 - Documentos Gráficos, 6 - Fotografias, 7 - Placas e Troféus, 8 - Têxteis, 9 - Quadros, 10 - Audiovisuais e 11 - Diversos. Todas as coleções encontram-se inseridas na planilha Excel, iniciado o preenchimento das fichas de identificação da coleção de documentos gráficos, salvo exceção as coleções de Utensílios Domésticos; Fotografias e Instrumentos Médicos que se encontra na última etapa de preenchimento. As fichas de diagnóstico de conservação também estão sendo trabalhadas, devendo finalizar nos próximos meses do corrente ano.

O acervo do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem se encontra em parte, ocupando a sala e anexos projetados para funcionamento da Capela[11], como por exemplo, peças do mobiliário: cama, armário, cadeiras e a mesa da diretora; a outra parte das peças

---

[9] Informações em TEIXEIRA, (2011, p. 42).

[10] Informação atualizada do número de coleções 11 (onze) no site da Revista Baiana de enfermagem (UFBA) constam cinco coleções.

[11] Espaço onde eram realizadas celebrações com participação das professoras e estudantes da EEUFBA. Na capela, estão expostos quatro painéis de Hansen Bahia que retratam a via sacra.

encontra-se acondicionadas em armários deslizantes na Reserva Técnica, sala contígua à capela e devidamente agrupada por tipo de material, para fins de marcação. Uma dessas coleções é a coleção, inicialmente denominada de Instrumentos de Laboratório e, mais recentemente intitulada Instrumentos Médicos.

Diferentemente de objetos cuja função é óbvia[12], como peças de mobiliário (armários, cadeiras, camas, outros), peças de utensílios domésticos (pratos, copos, taças, talheres, panelas, xícaras, travessas, etc.), ou ainda as que ornamentavam a capela (objetos litúrgicos: Missal, Castiçais, Cálice, etc.), a coleção de Instrumentos Médicos deixa dúvidas quanto à denominação ou função. Recipientes, frascos e placas de vidro (provetas, seringas, placas de Petri, etc.) recipientes em metal (Aminiotomo, os tambores para gaze e/ou algodão), ferro esmaltado (Caixas para sondas), o par de calçadeiras, peças de inox de tamanhos diversos por vezes com formas conhecidas (caso de tesouras, pinças), ou não, são alguns exemplos da diversidade que compõem as referidas coleções.

Outro aspecto observado que dificulta a identificação e denominação adequada de cada um dos itens diz respeito à função. Nesse sentido, teriam sido instrumentos utilizados no antigo laboratório de práticas que funcionava no 4º andar até a década de 1970e posteriormente nas aulas práticas no CTEE (Centro Tecnológico da Escola de Enfermagem), para fins pedagógicos, já que estavam na Escola?

Seriam equipamentos usados em exercícios práticos junto a consultórios e hospitais em cirurgias ou mesmo para utilidades domésticas?

A Função das Jarras seria armazenar água, e servir? E as tesouras? Seriam utilizadas para costura e /ou procedimentos médicos?

O CTEE criado no final da década de 70 tinha como finalidade: apoiar atividades de ensino, pesquisa e extensão da EE/UFBA; promover processos de integração ensino-serviço assumidos pela EE/UFBA; promover programas de educação continuada; promover a produção, reprodução e utilização de material institucional. Com base nestas finalidades percebemos que o mesmo funcionava como laboratório para práticas de atividades desenvolvidas na enfermagem onde, os instrumentos utilizados dariam suporte a formação das estudantes. Atualmente, este laboratório para práticas de enfermagem tem a denominação de laboratório de habilidades. As atividades práticas eram desenvolvidas também em hospitais como estágio, algumas podem ser comprovadas nas ilustrações (1, 2 e 3), que apresentamos, a

---

[12] Alguns objetos são fabricados com funções e usos determinados, tornando mais fácil sua identificação.

seguir:

Ilustração 1 - Enfermeira em atividade manuseando e medindo medicamento.

Fonte: acervo NUMEE. F.438 – Pasta 34

Ilustração 2 - Alunas em atividades no laboratório com supervisão de professor.

Fonte: Acervo NUMEE. F. 453 – Pasta 34

Enfermeira cuidando de paciente infantil (Ilustração 3) em unidade hospitalar, destacamos na figura o uso do desumidificador.

Ilustração 3 - Enfermeira no desenvolvimento de atividade hospitalar.

Fonte: acervo NUMEE. F.446 – Pasta 34

Não se trata somente da denominação do conjunto (coleção de instrumentos de laboratório), mas, sim, de pesquisar, em fontes disponíveis, ao menos parte da trajetória de formação da própria coleção. Por sua vez, a questão da denominação coloca outros tipos de problemas: "instrumentos de laboratório" é uma denominação muito abrangente, pois, há laboratórios de várias naturezas, como de química, física, matemática, biologia, sem contar outras especialidades médicas como, análise clinica, patologia e outros serviços na área de saúde.

No entanto, dos objetos da coleção de instrumentos médicos tomamos as Jarras de Inox como referencial para a discussão desde sua fabricação, cuja finalidade seria armazenar água para servir, da sua aquisição pela reitoria até sua chegada a EEUFBA, sua significação passou a ser para armazenar água com a finalidade de banhar pacientes acamados, portanto sua trajetória mudou a partir da finalidade a que foi destinada para uso. Mesmo assim, sua significação não foi alterada ela continuou a ser recipiente para armazenar água. Já no que diz

respeito aos objetos substitutos, eles foram reutilizados para outros fins, como por exemplo, o frasco de soro, que após sua utilização com soro, era reaproveitado para utilização como frasco de aspiração ocorrendo assim um processo de ressignificação do objeto.

Segundo Botallo, (2010, p.51) a finalidade da documentação de um acervo museológico, além de considerar o objeto como documento, o reconhece como "suporte (s) de informação" e objetiva a "[...] reunião, organização, preservação e disponibilização de todas as informações, sobre quaisquer suportes, que digam respeito a esses mesmos acervos". Trata-se de procedimentos de "curadoria documental" em que se pensa o histórico de cada objeto, a relação entre eles e entre o acervo e deste com outros e com a história, neste caso, da própria instituição considerando-se a comunicação e pesquisa.

Dos objetos que hoje constituem a coleção de instrumentos médicos, alguns eram pertencentes à escola e utilizados pelas estudantes nos períodos de 1950, 1960, até meados de 1970. Outras peças mais recentes foram doadas por ex-alunas da escola, perfazendo um total de 287 instrumentos que somados as demais coleções totalizam 3.226 objetos que formam o acervo do NUMEE.

4 CAPÍTULO III

Neste capítulo, faremos a apresentação da coleção de Instrumentos Médicos que atualmente é composta por 287 itens, de acordo com suas diferentes especialidades. Alguns questionamentos são levantamentos em relação a sua classificação como, por exemplo, seria Coleção de Instrumentos Médicos e/ou Coleção de Instrumentos Científicos?

Dessa forma, observa-se que o acervo da EEUFBA, ainda incipientemente estudado e analisado, indica também, principalmente através da coleção "a construção de uma história permeada de lutas, dificuldades e conquistas de uma categoria profissional que precisava afirmar-se no campo da biomedicina, no quadro da Universidade e das sociedades baiana e brasileira" (TEIXEIRA, 2011, p. 48).

Ainda de acordo com Teixeira (2011, p. 43) pretende-se, adquirir outros objetos para compor a coleção do NUMEE que sejam significativos para o histórico da Escola, "entretanto, isso deverá obedecer a determinados critérios, formalizados por uma política de aquisição e descarte", contidos em documento aprovado em 2017, na reunião da Congregação da unidade de ensino.

Esta coleção específica tem algumas particularidades, como por exemplo, a especialidade em que eram usados os objetos que a integram, a obsolescência de alguns, os materiais, como foram se integrando à coleção e a própria denominação são fatores que dificultam a busca por informações dos objetos, pois, ao usar como filtro de busca "instrumentos de laboratório" os resultados são restritos a objetos de física, química e outros. Sendo assim, pesquisamos em fontes bibliográficas e trabalhos acadêmicos, como por exemplo, dissertações de mestrado, além de entrevistarmos algumas professoras da instituição, com o intuito de obter maiores informações sobre os objetos em questão. Desta forma, foi possível identificar os objetos e com isso destacamos que, mesmo que alguns destes objetos tenham sido utilizados como substitutos ou de forma alternativa, foram de suma importância no desenvolvimento de atividades das estudantes, em suas aulas práticas ou no atendimento aos pacientes, ficando, portanto, o registro de sua utilidade e importância para a memória da Escola de Enfermagem - UFBA.

Podemos ainda verificar que as respostas das docentes nas entrevistas (Apêndices A, B, C e D), há uma unanimidade em relação à identificação dos objetos, que confirmam assim seu uso.

4.1 A COLEÇÃO DE INSTRUMENTOS MÉDICOS

Os objetos da Coleção de Instrumentos Médicos são compostos de diferentes materiais e serão relacionados, (Quadro 2) a seguir como:

Quadro 2 – Materiais dos objetos

1. Acrílico	2. Borracha	3. Couro
4. Esmaltados	5. Inox	6. Metais
7. Plástico	8. Polietileno	9. Vidro

Alguns destes objetos (Quadro 3) eram utilizados em atividades na área de saúde, dentre os quais citamos:

Quadro 3 – Objetos de atividades da área da saúde

1. Aminiótomos	2. Abaixador de língua	3. Balde
4. Boneco infantil	5. Copos graduados	6. Campânulas
7. Calçadeiras	8. Conexão Y(letra ipsilon) de vidro	
9. Curetas	10. Caixas cirúrgicas	11. Cálice graduado
12. Coletor de urina	13. Conta gotas	14. Cuba de vidro para reagente
15. Espéculo vaginal	16. Erlemeyer	17. Escarradeiras
18. Estojos para agulhas	19. Estetoscópio	20. Filtro de hemodiálise
21. Funis	22. Frasco de soro	23. Irrigador de vidro
24. Jarras irrigadoras	25. Jarras de inox	26. Martelos
27. Nebulizador	28. Provetas	29. Pinças cirúrgicas
30. Pinça metálica	31. Porta seringas	32. Porta sonda
33. Porta tesoura	34. Placas de petri	35. Seringas de ml e marcas variadas
36. Tambor de gaze	37. Tesoura de lister	38. Tubos de ensaio
39. Umidificador vacum	40. Umidificador alternativo	41. Urodensímetro

Fonte: Acervo NUMEE

Ficam as interrogações, as inquietações a respeito de como resignificar os objetos das coleções e o significado que passam a ter após sua reutilização. A jarra que provavelmente, foi fabricada para atender ao uso doméstico, como servir sucos e armazenar água para

consumo, foi utilizada para fins de higiene hospitalar dos pacientes, tendo como finalidade o armazenamento de água, como dito em capítulo anterior. Assim como estes objetos, outros tantos podem estar passando pela mesma resignificação e tipologia.

Em conversas com docentes na EEUFBA, resultaram no reconhecimento e informações a respeito de alguns objetos. Nas entrevistas (Apêndices A, B, C e D) realizadas com as professoras: Darcy de Oliveira Santa Rosa (Apêndice B e Anexo A); Mirian Santos Paiva; Isa Maria Nunes e Cristina M. Mello (Apêndice C). As referidas docentes identificaram alguns objetos como sendo:

"[...] algumas peças eram utilizadas de forma a substituir ou complementar alguma que estava em falta no atendimento aos pacientes, eles eram improvisados a partir de outros, adaptados para suprir a necessidade no atendimento."

No entanto dos objetos da coleção de instrumentos médicos tomamos as Jarras de Inox como referencial para a discussão desde sua fabricação cuja finalidade seria armazenar água para servir, da sua aquisição pela reitoria até sua chegada a EEUFBA, sua significação passou a ser para armazenar água com a finalidade de banhar pacientes acamados, portanto sua trajetória mudou a partir da finalidade a que foi destinada para uso. Mesmo assim sua significação não foi alterada ela continuou a ser recipiente para armazenar água. Já no que diz respeito aos objetos substitutos, eles foram reutilizados para outros fins, como por exemplo, o frasco de soro, que após sua utilização com soro, era reaproveitado para utilização como frasco de aspiração, sendo assim estes objetos dentro do museu teriam na visão de LOUREIRO, a função de "aparato informacional": "Qualquer organização/ambiente construído com a intenção de produzir, processar e transferir informações, que reúna (fisicamente ou virtualmente), conserve, documente, registre, pesquise e comunique evidências (materiais ou imateriais) das pessoas e/ou de seu meio ambiente, por meio de originais ou reproduções de qualquer natureza, mantendo interface com a sociedade de modo a propiciar visibilidade / acesso às suas coleções e informações." (LOUREIRO, 2003, p. 173-174).

Apresentaremos na sequência com as ilustrações de 4 a 11 os objetos da discussão e todos os possíveis usos a eles atribuídos enquanto instrumentos utilizados em práticas na escola de enfermagem:

A jarra de inox, utilizada pelas enfermeiras para higiene de pacientes no leito, fazia conjunto com a bacia e a cuba de rim.

Ilustração 4 – Jarras de inox.

Fotografia: Dilma Costa (2018)

O frasco de aspiração a vácuo, utilizado como umidificador e aspiração de secreção em pacientes, conforme o dispositivo a que fosse acoplado.

Ilustração 5 - Frasco de aspiração a vácuo.

Fotografia: Dilma Costa (2018).

Irrigador de vidro utilizado em lavagem intestinal, adaptado a uma borracha, colocado em haste de ferro com argolas para suporte lateral para obter gravidade; nele colocava-se água,

soro ou outro material para proceder à lavagem no paciente.

Ilustração 6 – Irrigador de vidro.

Fotografia: Dilma Costa (2018).

A pinça utilizada para pegar gaze, algodão ou instrumentos esterilizados em alta temperatura.

Ilustração 7 – Pinça.

Fotografia: Dilma Costa (2018)

Frasco de soro utilizado (originalmente), para armazenar soro, após o termino do liquido, era adaptado para ser usado em drenagem de tórax ou coletor de urina.

Ilustração 8 – Frasco de soro.

Fotografia: Dilma Costa (2018).

Cuba de vidro recipiente usado para acondicionar reagente e fazer desinfecção de instrumentos.

Ilustração 9 - Cuba de vidro.

Fotografia: Dilma Costa (2018).

A campânula usada como tampa de lâmpada ou apagador de chama, ou para prática chinesa

de ventosaterapia.

Ilustração 10 – Campânula.

Fotografia: Dilma Costa (2018).

Umidificador alternativo objeto adaptado, utilizado para umidificar o ambiente, para uso de medicamentos em pacientes com problemas respiratórios. Substituir o aparelho de aspiração ou umidificador a vácuo.

Ilustração 11 – Umidificador alternativo.

Fotografia: Dilma Costa (2018).

Por tratar-se de uma coleção composta por objetos de distintas especialidades médicas, torna-se ainda mais difícil identificá-los em razão da obsolência que os levou a ficarem excluídos do uso cotidiano, ficando sem serventia. Motivo pelo qual foram recolhidos por professoras e funcionários, até que se fizesse uma classificação e posterior formação da coleção que integra o acervo do Núcleo de Memória.

Outro aspecto dos cursos de Enfermagem diz respeito às disciplinas ensinadas, a exemplo de Fundamentos da Enfermagem, preparando habilidades técnicas das futuras enfermeiras. Para isso, eram necessários instrumentos para diferentes atividades clínicas ou cirúrgicas.

A palavra ‘instrumento’ surge em alguns textos com diferentes significados. Horta et al. (1970. p. 6), por exemplo, definem instrumentos básicos de enfermagem como “conjunto de noções e hábitos indispensáveis ao estudo das diferentes matérias de ensino e para a prática dos exercícios educativos”, ou seja, trata-se de um fazer pedagógico para o ensino/aprendizagem da enfermagem. Assim, ‘instrumento’ remete a modelo de registros para a comunicação e qualidade no cuidado dos atendimentos de enfermagem. No levantamento de referências que possam ajudar no desenvolvimento da pesquisa, notou-se a dificuldade em especificar quais seriam os instrumentos ou apetrechos utilizados nas aulas ou práticas destes profissionais.

Palavras-chave como ‘instrumentos usados em escolas de enfermagem’, ‘instrumentos de enfermagem’ levam para o mesmo caminho. Na Ilustração 12, um exemplo com a tabela recolhida no Google imagens, de artigo da Revista Mineira de Enfermagem (DERDRIED, 2008), em que fica evidente a relação da palavra instrumento com cuidados básicos que o enfermeiro/a deve assumir ao cuidar de um paciente.

Ilustração 12 – Tabela relação entre instrumentos.

TABELA 1 – Relação entre instrumentos básicos para o cuidado de enfermagem e ações observadas na prática

Instrumentos básicos para o cuidado	Ações observadas na prática	Quantidades[1]	
		ENF X (07)	ENF Y (03)
1. Aplicação de conhecimentos científicos	Descrição da técnica utilizada	7	3
2. Trabalho em equipe	Descrição da técnica utilizada	7	3
3. Comunicação	– estabelece relacionamento interpessoal	5	3
	– explica o procedimento ao paciente/cliente	2	0
	– registra o procedimento em prontuário	0	2
	– registra o procedimento em pasta específica de controle	7	3
	– identifica o curativo	7	3
4. Criatividade	Descrição da técnica utilizada	2	1
5. Destreza manual	– realiza lavagem das máos	7	3
	– retira curativo anterior	6	2
	– realiza antissepsia do local / nº de vezes	7	3
	– calça luvas estéreis	7	3
	– utiliza material para curativos (pinças)	6	2
	– realiza curativo com filme transparente estéril	6	2
	– realiza curativo com gaze estéril e fita adesiva	1	1
6. Observação	– realiza exame físico	7	3
	– posiciona paciente	4	3
	– reposiciona o paciente.	4	3
7. Planejamento do cuidado	– prepara e organiza o material	7	3
	– organiza o ambiente	7	3
	– reorganiza o material/ambiente.	7	3

Fonte: Dados elaborados pela autora (2008).

[1] Corresponde ao número de vezes em que o instrumento básico foi aplicado durante a realização dos curativos por profissional.

Fonte: Autora: Derdried Athanasio Johann, 2008.

Observamos na ilustração 13, alguns objetos utilizados em procedimentos de enfermagem para atendimento de exames físicos dos pacientes, identificados como:

1 - Esfignomomômetro

2 - Estetoscópio

3 - Cateter

4 - Lanterna

5 – Martelo

6 - Espátulas

7 - Tubos de Ensaio

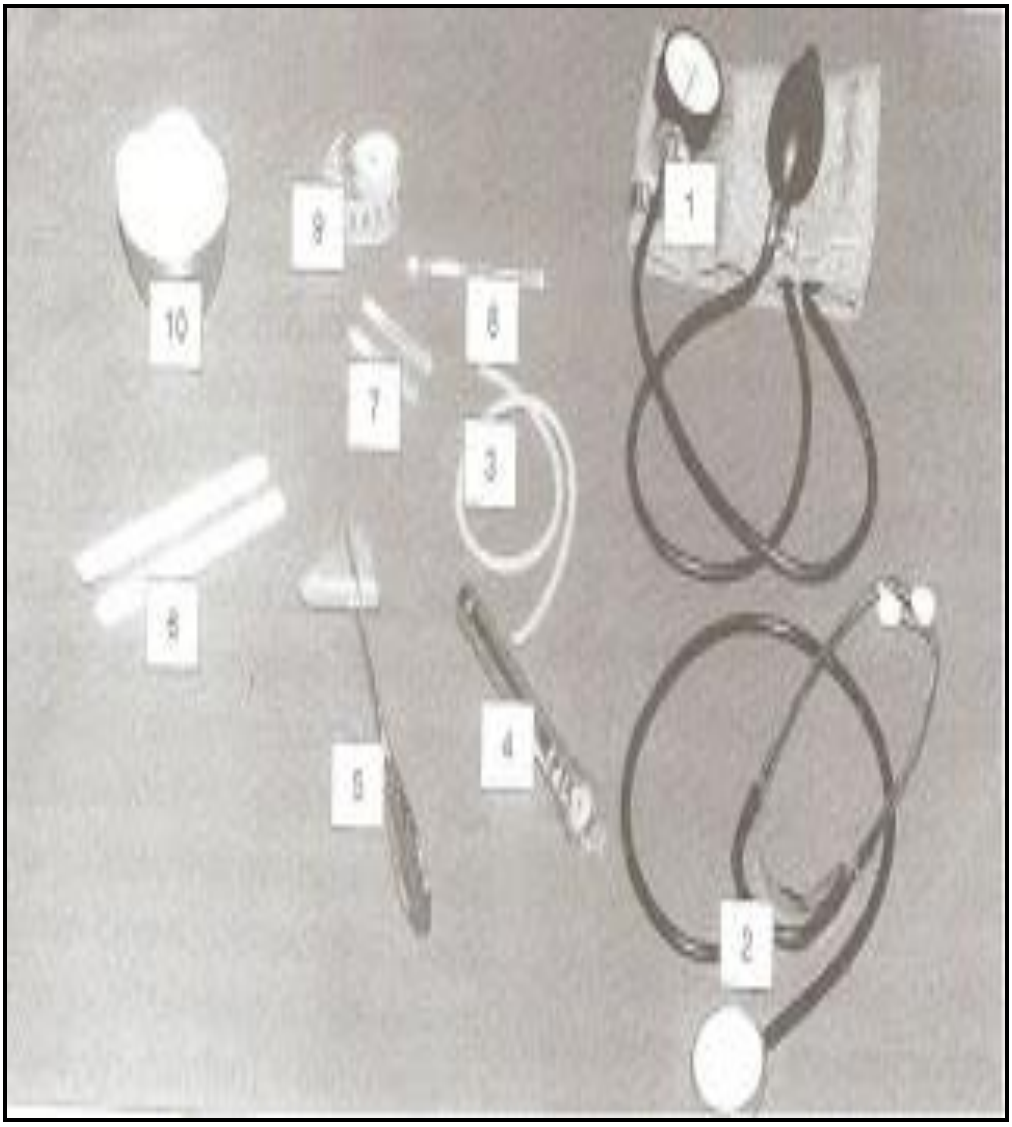
8 - Seringa

9 - Fita Métrica

10 - Recipiente com algodão.

Outra situação é o emprego de instrumentos relacionados a exames físicos. Como se lê no blogjcenfermeiro ‘Procedimentos de enfermagem’, que trata da introdução de exames físicos (composto por tópicos iniciados com: a entrevista; figuras de instrumentos e aparelhos usados para execução do exame físico, delimitações da linha anatômica, normas gerais para execução do exame físico, e outros), como descriminados na ilustração (13), apresenta “Instrumentos e aparelhos usados para execução de exame físico” realizado pelas enfermeiras.

Ilustração 13 – Objetos de práticas em enfermagem.



Fonte: jcenfermeiro. Blogspot. 2008

A dificuldade em definir e categorizar os objetos desta coleção dá-se por conter objetos chamados instrumentos científicos, instrumentos de laboratório que podem ser de áreas como a microbiologia, física, química, análises clínicas; instrumento cirúrgico, ou ainda, instrumentos médicos. A própria denominação "Instrumentos de Laboratório" indica a generalização em razão do provável desconhecimento do uso e função de alguns objetos, e a falta de informação para uma correta identificação.

O primeiro levantamento de referenciais, portanto, resultou em poucos indicativos que auxiliassem a identificação dos objetos da coleção de forma mais satisfatória. Têm-se indicações de docentes que os objetos seriam utilizados nas aulas práticas, desenvolvidas no laboratório de práticas de enfermagem e no Centro Tecnológico da Escola de Enfermagem – (CTEE), nas décadas de 1950/1960 e na segunda metade da década de 1970 e décadas de 1980, 1990 e 2000.

É importante assinalar que o currículo da Escola fora planejado obedecendo as mais modernas concepções sobre enfermagem da época. Logo no primeiro ano, as alunas cursavam as disciplinas básicas como anatomia, fisiologia, microbiologia, bioquímica, parasitologia, além de iniciação à saúde pública, bioestatística, epidemiologia, introdução à sociologia e à psicologia e aos problemas sociais da prática em enfermagem [...]. (OLIVEIRA, 2001, p. 28).

As disciplinas curriculares ministradas nas décadas de 1946/1974 podem justificar a diversidade de instrumentos encontrados na instituição. O curso de enfermagem preparava as enfermeiras para atuarem em diferentes áreas da Medicina, o laboratório ou centro de treinamento era usado com esta finalidade. Documentos encontrados no arquivo NUMEE, como por exemplo, os inventários, o regimento da Escola de Enfermagem de 1946, a grade curricular, fotografias, e as entrevistas com docentes (Apêndices) fornecem subsídios para comprovar, a utilização de alguns instrumentos nas aulas práticas, no CTEE e nos estágios curriculares.

Seguindo o modelo de documentação usado em museus, uma ficha de registro foi adotada para identificar os objetos das coleções. Nessa ficha constam os seguintes dados: número de registro, modo de aquisição, período, descrição do objeto, dimensão, estado de conservação, histórico, marcas/ inscrição, localização, observação, referências e a assinatura do responsável pelo preenchimento da ficha.

O agrupamento dos instrumentos de laboratório respeitou o conjunto formado. Tomando-se por base a indicação das professoras de que os mesmos foram utilizados nas aulas práticas nos laboratórios da escola. O fato de alguns campos das fichas se encontrarem sem qualquer informação indica que é necessário o desenvolvimento de mais pesquisas para

auxiliarem o processo de descrição dos objetos da coleção de instrumentos médicos. Nesse caso, o estudo da coleção conduz a um conjunto de dados sobre a história da Escola de Enfermagem da UFBA.

É comum encontrar em escolas universitárias conjuntos de instrumentos que foram descartados e substituídos por aparelhos mais modernos. A obsolência desses equipamentos é um fato relatado por Granato e Lourenço (2010, p. 10) em seu trabalho como veremos num trecho a seguir:

> No Brasil, o patrimônio cultural tangível da Ciência e da Tecnologia está, em sua grande maioria, para ser descoberto. O conhecimento atual sobre o tema é restrito e, em especial, os objetos de ciência e tecnologia[13] brasileiros já podem ter sido modernizados ou descartados, na maioria das vezes em prol de uma busca pelo instrumento ou aparato mais recente, mais atual. As instituições museológicas que teriam o encargo de proteger esse patrimônio aparentemente não são muitas. No entanto, é possível que na trajetória de desconhecimento desse patrimônio também esteja inserida a pouca visibilidade dessas instituições.

Estudos de coleções institucionalizadas, no caso a de Instrumentos Médicos do NUMEE-UFBA, podem ampliar a compreensão de cada item de acordo com a forma em que eram utilizados, ou a formação de outros conjuntos. Como define Costa (2007, p.15), [...] "os objetos têm sua história e seu significado que, no entanto, são muitos. Não se trata somente do significado 'gerado no ato de sua criação', mas, dos atribuídos ao longo de sua trajetória".

Cada objeto da citada coleção encontrada no NUMEE, tem seu diferencial e remete a um determinado momento das práticas de enfermagem. Por isso, o processo de identificação é importante para compor sua variedade de significados.

4.2 REFLEXÕES SOBRE A COLEÇÃO DE INSTRUMENTOS MÉDICOS

A Coleção de Instrumentos Médicos como atualmente está denominada, passou por reavaliação, pois, até o ano de 2016, era denominada de Instrumentos de laboratório, este foi um dos questionamentos feitos a partir das pesquisas onde verificamos que a coleção era formada por objetos de especialidades distintas na área de saúde, por este motivo tal denominação não contemplaria as demais peças existentes. Assim, mudou-se a denominação da coleção para Instrumentos Médicos, a denominação atual atendia as expectativas de alguns

---

[13] Face ao espectro de tempo a que se relacionam esses objetos (século XVIII à década de 1960), decidiu-se utilizar o termo "Objetos de C&T" ao invés de instrumentos científicos, que se adéqua melhor aos objetos do século XIX e início do XX (GRANATO, 2010).

dos objetos já que estavam num ambiente ligado a área médica, mas existem objetos que pertencem a laboratórios de análises clinicas, de física e química, por este motivo entendemos que caberia uma denominação que englobasse todos os objetos da coleção e não apenas parte da coleção.

Notamos ao preencher as fichas de identificação que alguns dos objetos não apareciam em bases de dados, no Museu Nacional de Enfermagem Anna Nery (MuNEAN)[14], onde estivemos para conhecer o acervo de enfermagem e não conseguimos informações para uma identificação mais precisa, recorremos ao laboratório de química da UFBA e não tivemos êxito, tais objetos não existiam, ou eram somente parecidos com alguns existentes nas áreas pesquisadas. Ao final de 2016/2017, conseguimos alguns indícios sobre os objetos, recorremos a algumas professoras da EEUFBA, que fizeram graduação na instituição e consequentemente, poderiam em algum momento ter tido contato com algum dos objetos, a identificação foi quase que unanime, os que reconheceram os objetos disseram tratar-se de peças readaptadas para uso alternativo para o treinamento das alunas como no caso do frasco de aspiração a vácuo (ilustração 05), o umidificador alternativo (Ilustração 11) e o frasco de soro (Ilustração 08) que depois de finalizado o conteúdo do frasco eram adaptados para uso em aspiração de secreção nos pacientes ou como coletor de urina.

Para completar o quadro de identificação e consequente confirmação das demais docentes, as jarras de inox foram reconhecidas como sendo um objeto utilizado no ambiente hospitalar para fazer higienização de pacientes acamados, e não seria um objeto de utilidade domestica logo a jarra pertencia à coleção de instrumentos médicos e não seria um objeto de utilidade domestica que era a coleção em que estava inserida, assim sendo, alguns objetos do acervo do NUMEE, tiveram que ser reorganizados e incluídos em suas respectivas coleções.

Por falar em coleções, esse agrupamento de objetos que foram recuperados, muitos utilizados pelas alunas nas suas aulas práticas em microbiologia e atendimento a pacientes nos estágios, não poderiam ser classificados como objetos científicos, já que a denominação de instrumentos de laboratório caberia às placas de Petri, as provetas, ao cálice graduado, deixando os demais sem uma definição de especialidade?

---

[14] O Museu Nacional de Enfermagem é um museu histórico que fala das origens da profissão. Um centro de referência da memória da enfermagem, que reverencia os ícones da enfermagem, mas faz reconhecer os heróis anônimos. Fonte: Site do museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresenta as observações que foram realizadas durante o período de estágio no NUMEE, (Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem – UFBA), com duração de 2015 a 2018, no desenvolvimento de atividades na área de documentação: preenchimento das fichas de identificação da coleção de Instrumentos de laboratório (assim denominada até 2016), quando passou a ter a denominação de coleção de Instrumentos Médicos.

As inquietações começaram a surgir a partir do nome da coleção Instrumentos de Laboratório, pois os objetos correspondiam a diferentes áreas do conhecimento cientifico. Esse fato levou a se pensar na designação da dita coleção. Outro fato que produziu inquietação era o de não encontrar nem nos meios digitais e nem nas bibliotecas a identificação de alguns dos objetos, fato que nos levou a desenvolver este trabalho. Assim, constatamos, na prática, que o processo de classificação dos objetos em coleções não é tão simples como pensávamos inicialmente e requer um trabalho cuidadoso de pesquisa.

Alguns objetos da coleção, não tinham identificação, não se sabia de que forma foram utilizados e qual denominação teria; outros, no caso das jarras de inox estavam classificados como objetos de Utilidade Doméstica (Coleção de Utensílios Domésticos). Pesquisas feitas na própria Escola com funcionários e docentes trouxeram elementos que comprovavam que elas eram utilizadas no hospital, como jarras para armazenar água e dar banho em pacientes no leito; passando assim estes objetos a comporem a coleção de Instrumentos Médicos. Outras peças da coleção, foram identificadas como peças substitutas, eram improvisadas ou adaptadas para utilização em aulas práticas e nos hospitais na falta de peças originais como, por exemplo, o frasco de soro utilizado para drenagem de tórax; A cuba/Vaso de vidro, utilizada para soluções e desinfecção de instrumentos; A Campânula utilizada como abafador de lâmpada ou chama; a pinça para pegar gaze, algodão ou material de elevada temperatura ou em processo de desinfecção; o frasco a vacum como umidificador de oxigênio.

Encontramos dificuldades para trabalhar com as peças escolhidas para o presente trabalho, pois as mesmas foram adaptadas pelas enfermeiras para atender aos pacientes ou utilizarem nas aulas práticas em laboratório, tornando-os essenciais e importantes. Isso remete a compreensão da importância da preservação destes objetos para a História e Memória da Escola de Enfermagem – UFBA. Dessa forma, recomendamos que o registro do objeto obedeça a sua história e ao contexto em que foi utilizado.

Neste sentido, a colaboração das docentes no processo de identificação dos objetos foi

imprescindível, pois somente com a participação dessas, tivemos condições de compreender, nomear e classificar os objetos numa coleção específica, ou seja, a de Instrumentos Médicos.

Deixamos a reflexão de que a perda ou resignificação do objeto acontece quando seu uso já não é mais possível e sua permanência no museu leva-o a ter outra realidade de significado. Gostaríamos ainda de deixar nossa contribuição para uma reflexão quanto à possibilidade de criação de uma nova denominação para a coleção estudada, ou seja, de Instrumentos médicos para Instrumentos Científicos. Embora os objetos estejam incluídos na coleção de Instrumentos de Laboratório, essa denominação foi alterada pela ex-coordenadora no período de 2016, durante a pesquisa para “Instrumentos Médicos”, mas, poderiam também ser classificados e/ou adotar a denominação de “Instrumentos Científicos”, “Instrumentos de Práticas em Enfermagem”, pela diversidade de especialidades que indicam. Conseguimos com as entrevistas e fotografias dos objetos enviados as professoras a identificação e uso a que eram destinados, contribuindo assim, para uma nova classificação da coleção. O nosso trabalho também contribuiu para o preenchimento das fichas de identificação dos demais objetos, com a devida compreensão sobre sua utilização, sejam os de uso doméstico ou hospitalar. Deixamos aqui nossa contribuição e a reflexão para o estudo das coleções do NUMEE.

REFERÊNCIAS

ATA da reunião do Conselho Departamental da Escola de Enfermagem UFBA, 1993/1997.

BARREIRA, I de A.; BAPTISTA, S. de S. Haydée Guanais Dourado: Carisma e Personalidade a serviço de um ideal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília. V, 55, nº 3, p. 275 - 292, maio / jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v55n3/v55n3a07. pdf>. Acesso em: 04 de abr. de 2017.

BELLAIGUE, Mathilde. O desafio museológico. **In: FÓRUM DE MUSEOLOGIA DO NORDESTE**, 5, Nov. 1992. Salvador. (mimeo).

BLOGJCENFERMEIRO. **Procedimentos de enfermagem**. Disponível em: <http:// jcenfermeiro.blogspot.com.br/p/exame-fisico.html>. Acesso em: 20 ago. 2016.

BOTALLO, Marilúcia. Diretrizes em documentação museológica. In: SÃO PAULO. Associação de Amigos do Museu Casa de Portinari. **Documentação e Conservação de Acervos Museológicos**: Diretrizes. São Paulo, Brodowski, jun. 2010. p. 48-79. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao_Conservacao_ Acervos_Museologicos.pdf>. Acesso em: 05 maio 2018.

BRASIL. ICOM, **Decreto Lei nº. 11.904 de 14 DE JANEIRO DE 2009.** Estabelece o Estatuto de Museus. Disponível em: < http://www.museus.gov.br/decreto-8-12413/>. Acesso em: 02 maio 2018.

BRASIL. **Decreto Lei nº 22.637 de 25 de fevereiro de 1947.** Incorporação da Escola de Enfermagem à Universidade Da Bahia.

BRASIL. **Decreto Lei nº 62.241/1968.** Reestruturação da Universidade Federal da Bahia **e** manutenção da Escola de Enfermagem como Unidade de Ensino Profissional de Pesquisa Aplicada.

BRIGOLA, João. Perspectiva histórica da evolução do conceito de museu em Portugal. In: LOPES, M. M.; HEIZER, A. (Org). **Colecionismos, práticas de campo e representações** [online]. Paraíba, Campina Grande: EDUEPB, 2011. Cap. 3, p.41- 46. Ciência e Sociedade collection. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rk6rq>. Acesso em: 20 maio 2018.

CHAGAS, Mario de Souza. Museu literatura e emoção de lidar. **Cadernos de Sociomuseologia**: revista publicada pela Área da Museologia do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeiED) do Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal, v.19, n.19. p. 5 - 41. 2002. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/ 36>. Acesso em: 24 maio 2018.

COSTA, Paulo de Freitas. **Sinfonia de objetos: a coleção de Ema Gordon Klabin**. São Paulo: Iluminuras. 2007.

DERDRIED, A. J. **Relação entre instrumentos básicos para cuidado de enfermagem e**

ações observadas na prática. REME, 2008. Disponível em: <http://www.reme.org.br/content/imagebank/images/v14n4a09tab01.jpg>. Acesso em: 20 ago. 2016.

FERNANDES, Josicelia Dumet. (Coord.). **Memorial Escola de Enfermagem 1946 - 1996.** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2001. 410 p.

FIGUEIRÔA, S. F. de M. Uses and circulation of historical scientific instruments. In: GRANATO, M.; Lourenço M. C. (Edt.). **Scientific Instruments in the history of science: studies in transfer, use and preservation.** Rio de Janeiro: MAST, 2014. p. 15-32. Disponível em: <http://site.mast.br/scientific_instruments_in_the_history_of_science_studies_in_transfer_use_and_preservation/FIGUEIR%C3%94A_p15-32.pdf.>. Acesso em: 03 Jul. 2018.

GRANATO, Marcus.; SANTOS, C.P. dos.; FURTADO, J. L.; GOMES, L. P. Objetos de Ciência e Tecnologia como Fontes Documentais para a História das Ciências: Resultados parciais. In: **VIII ENANCIB** – **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. **Anais.** Bahia, Salvador, out. 2007. 16p. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--035.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

GRANATO, Marcus; M. C. Lourenço (Orgs). Coleções científicas luso-brasileiras: Patrimônio a ser descoberto – Rio de Janeiro: **MAST,** 2010. 382 p. Disponível em: <http://www.mast.br/images/pdf/publicacoes_do_mast/colecoes_cientificas_luso_brasileiras_patrimonio_a_ser_descoberto.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2016.

GRANATO, Marcus; MAIA, Elias da Silva; SANTOS, Fernanda Pires. Valorização do patrimônio científico e tecnológico brasileiro: descobrindo conjuntos de objetos de C&T pelo Brasil. **An. mus. paul.,** São Paulo, v. 22, dez. 2014, p.11-34. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142014000200002>. Acesso em: 24 ago. 2016.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Museu, Museologia, Museólogos e Formação. In: **Revista Museo**. 1989, p. 7-11.

HORTA, W. A; KAMIYAMA, Y; PAULA, N. S. de. O ensino dos instrumentos básicos de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, p. 160 - 169. 1970. Disponível em: <http://www.fcfar.unesp.br/arquivos/517282.pdf >. Acesso em: 26 ago. 2016.

LOURENÇO, M. Museus de Ciência e Técnica: que objetos?. **Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio.** Departamento de Antropologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2000.

SANTOS, LB do; LOUREIRO, M L N M. apud MENSCH, Peter Van; Musealização como estratégia de preservação: Estudo de Caso sobre um previsor de marés. In: Revista de museologia e Patrimônio MAST, v. 5, nº 1. 2012. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/211/187>. Acesso em: 22 mai. 2016.

NORA, Pierre; Tradução: Yara Aunkhoury. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 10, p.7 - 28 out. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 25 set. 2016.

OLIVEIRA, Maria Ivete Ribeiro de. Emergência e inserção da Escola de Enfermagem na Comunidade acadêmica da Universidade Federal da Bahia**.** In: FERNANDES, Josicélia Dumet (org). **Memorial Escola de Enfermagem 1946-1996.** Salvador: UFBA, p.19 - 49/ 53 - 95. 2001.

POMIAN, Krzysztof. Colecção. In: **Enciclopédia Einaudi**: Memória - História, Lisboa, v.1, p. 51 – 86. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1984. Disponível em: http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20%281984b%29.pdf

PROCEDIMENTOS DE ENFERMAGEM. Disponível em: <http://jcenfermeiro.blogspot. com.br/p/exame-fisico.html>. Acesso em: 25 set. 2016.

PROJETO, Museológico e Museográfico. 1990/ 2010. **Pasta 34/34.1,/34.5 -** NUMEE. DG. 374/384/385/386/387/425.

SCHEINER, Teresa Cristina. O museu, o retrato a palavra e o mito. **Revista Museologia e patrimônio**, vol.1, nº 1, p. 57 - 73, jul. /dez. 2008. Disponível em: <revistamuseologiaepa-trimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/download/6/19>. Acesso em: 26 jun. 2018.

SENA, Stela Maria. A Residência na Escola de Enfermagem (década de 50 a 70). In: FERNANDES, Josicélia Dumet (Org). **Memorial Escola de Enfermagem 1946-1996**. Salvador: UFBA, 2001, p. 99 - 123.

SOTO, M. C. Dos Gabinetes de Curiosidade aos Museus Comunitários: A Construção de uma Concepção Museal à serviço da Transformação Social. **Cadernos de Sociomuseologia,** Lisboa, nº 4, p. 57 - 81, 2014. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/ handle/10437/5444/Dos%20gabinetes.pdf?sequence>. Acesso em: 15 jun. 2018.

TEIXEIRA, Sidélia Santos. Patrimônio e mulheres: o caso da escola de enfermagem da Universidade Federal da Bahia. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 25, n. 1, 2, 3, p. 41-51, jan. /dez. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6823/1/ 4747-16475-1-PB-2.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Inventários dos Bens Móveis 1972**. Pasta 54.2/54.5.

------. Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem - UFBA. **Política de Aquisição e Descarte de Acervo**. Salvador/BA – 2017. 4p.

------. Núcleo de memória da Escola de Enfermagem. **Regimento Interno**. Salvador/BA – 2017.

------. Escola de Enfermagem. **Site.** Disponível em: <http://www.enfermagem.ufba.br/>. Acesso em: 25 set. 2016.

------. Conselho Universitário**. Resolução nº 01, de 9 de maio de 2013**. **Site**. Disponível em: https://www.ufba.br/Resolucoes/607?page=1>. Acesso em: 10 jun. 2018.

------. **Regimento Interno da Escola de Enfermagem. 1964**. Pasta - 36 - NUMEE. DG. 469/ 47

APÊNDICE A

ENTREVISTAS DE DOCENTES

ROTEIRO DE ENTREVISTAS I

Entrevista realizada em: 25 de abril de 2018.

No Núcleo de Memória da EEUFBA.

1 - NOME: Mirian Santos Paiva

2 – IDADE: 64 anos

3 – PROFISSÃO: Enfermeira -

4 – VINCULO COM A ENFERMAGEM:

Professora associada da Escola de Enfermagem da UFBA.

5 – FEZ CURSO DE ENFERMAGEM NA EEUFBA?

(x) SIM () NÃO QUANDO? (1973/ 1977)

6 – DURANTE O CURSO DESENVOLVEU ATIVIDADES PRÁTICAS NA ÁREA DE ENFERMGEM? QUAIS?

Sim, estágio extracurricular em enfermagem obstétrica e enfermagem de saúde pública.

7 – PODERIA AJUDAR A IDENTIFICAR ALGUNS OBJETOS DO NUMEE A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS QUE MOSTRAREI? Sim.

Ilustração nº 4- Jarra de inox – eram utilizadas junto com as bacias para banho no leito; havia também o uso pela nutrição para trazer para as unidades suco de frutas a serem administrados pela enfermagem.

Ilustração nº 5 - Frasco de aspiração - utilizado para aspiração.

Ilustração nº 6 - Irrigador – não conheço.

Ilustração nº 7 - Pinça - utilizada para auxiliar aos curativos para pegar o material esterilizado.

Ilustração nº 8 – Frasco de Soro - era reutilizado, após esterilização, para drenagem de coleções liquidas, tanto na clinica quanto na cirúrgica, assim como para exercício respiratório (Vasos comunicantes).

Ilustração nº 9 – Cuba/ Vaso para Reagente – não conheço.

Ilustração nº 10 – Campânula- não conheço.

Ilustração nº 11 UMIDIFICADOR Alternativo não conheço.

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTAS II

Entrevista realizada com aparelho celular em: 08 de maio de 2018.

Local: Núcleo de Memória da EEUFBA.

1 - NOME: Darci de Oliveira Santa Rosa

2 – IDADE: 67 anos

3 – PROFISSÃO: Docente da Escola de Enfermagem da UFBA.

4 – VINCULO COM A ENFERMAGEM: Desde que me formei em enfermeira meu vinculo foi com o INAMPS depois com a Escola de Enfermagem

5 – FEZ CURSO DE ENFERMAGEM NA EEUFBA?

(x) SIM () NÃO QUANDO? (1971/ 1974)

6 – DURANTE O CURSO DESENVOLVEU ATIVIDADES PRÁTICAS NA ÁREA DE ENFERMAGEM? QUAIS? Só como estudante.

7 – PODERIA AJUDAR A IDENTIFICAR ALGUNS OBJETOS DO NUMEE A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS QUE MOSTRAREI?

Sim.

Ilustração nº 4 - Jarra de inox – utilizávamos para dar banho nos pacientes com água temperada (Metade quente, metade fria).

Ilustração nº 5 - Frasco de aspiração – era conectado a uma central de aspiração a vácuo na parede e a um tubo de borracha que nós conectávamos a cânula para aspirar o paciente, não é umidificador é vacum para aspiração, é isso, frasco de aspiração à vacum.

Ilustração nº 6 - Irrigador - Esse Irrigador eu não conheço, mas considero também como se fosse para lavagem intestinal, mas não tenho certeza.

Ilustração nº 7 - Pinça - Essa Pinça era para a gente utilizar pegar gaze ou algodão nos frascos de vidro que ficavam sobre o carrinho.

Ilustração nº 8 - Frasco de soro - Estes frascos eram frascos de soro, mas eram utilizados como solução de drenagem, isso foi uma adaptação que nós fazíamos na época para fazer drenagem selo d'água no chão e fazíamos também para montagem na sala de cirurgia para aspiração.

Ilustração nº 9 – Cuba/ Vaso de vidro - Este vaso eu não conheço, esse aqui, ele não foi

utilizado por mim.

Ilustração nº 10 – Campânula - A tampa da lâmpada de Álcool, sim, que a gente utilizava, tampa de lâmpada, lâmpada de álcool, o que era uma lâmpada de álcool? Era um dispositivo com vidro com álcool e uma trança que ficava embebida no álcool como um candeeiro e ai se usava para flambar pinças.

(EU) Uma das professoras reconheceu como abafador de chama.

Darci: é isso mesmo, foi assim que eu conheci, só que com outro nome.

Ilustração nº 11 – Umidificador Alternativo - Esse frasco que está aqui escrito NO LUGAR DO UMIDIFICADOR foi adaptado e se não me engano na época da professora Delvair para fazer umidificação na sala de laboratório nossa, não no hospital, porque conectava ao vacum e/ou a cânula na parede, foi adaptação. Esse aqui no laboratório da escola.

Eu: Ok. Professora, obrigada.

Darci: de nada!

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA III

Entrevista concedida por celular via gravação de watsapp dia: 24 de maio de 2018. Motivo: Viagem.

1 - NOME: Cristina Maria Meira de Melo

2 – IDADE: Tenho, quase completando agora em julho 62 anos de idade.

3 – PROFISSÃO: Enfermeira

4 – VINCULO COM A ENFERMAGEM:

Exercendo docência na EEUFBA desde 1985 até o momento.

5 – FEZ CURSO DE ENFERMAGEM NA EEUFBA?

(x) SIM () NÃO QUANDO? (1978)

Fiz curso de graduação de enfermagem na EEUFBA, me graduei, conclui meu curso em dezembro de 1978, recebendo o diploma em janeiro de 1979 quando se deu a colação de grau sem solenidade.

6 – DURANTE O CURSO DESENVOLVEU ATIVIDADES PRÁTICAS NA ÁREA DE ENFERMAGEM? QUAIS?

Durante o curso Sim, desenvolvíamos atividades práticas, essas atividades eram centradas majoritariamente em hospitais na prestação de assistência a pessoas hospitalizadas, não atuávamos em ambulatório, alias, tínhamos algumas poucas praticas em ambulatório, sim, me lembro do ambulatório do hospital universitário professor Edgar Santos, já quase que ao fim da nossa graduação é que nós fazíamos o que nós chamavamos na época estágio, é, em centro de saúde, que era no campo, chamado então erroneamente, como campo da saúde pública, porque confundia-se a saúde pública com serviços, o que chamamos hoje de atenção primaria à saúde, essas atividades como eu disse, eram predominantemente atividades, procedimentos técnicos assistenciais a pessoas hospitalizadas ou no caso dos centros de saúde a pessoas que buscavam esse serviço, naquela época, década de 70 majoritariamente, essas pessoas eram mulheres e crianças, não se atendiam homens, e algumas mulheres já fora do chamado período reprodutivo portanto, o que nós chamaríamos hoje eufemisticamente de mulheres idosas, mulheres em envelhecimento.

As atividades que desenvolvíamos também nos centros de saúde eram da prestação de ações ou serviços técnicos assistenciais, com a diferença que as pessoas não estavam hospitalizadas, mas também desenvolvíamos praticas em escolas com crianças escolares, pré-

adolescentes, principalmente crianças e também existiam algumas práticas de visita domiciliar, quase sempre as mulheres puerpéras que tinham acabado de parir ou mulheres grávidas ou pessoas com doenças crônicas como naquele tempo eram predominante pessoas que estavam inscritas no programa de tratamento de tuberculose que eram consideradas faltosas ou porque se ausentavam muito tempo sem retornar no aprazamento devido, ou crianças que não voltavam para dar continuidade à imunização ao recebimento de dose de vacinas para completar o ciclo de imunização, essas eram as atividades práticas predominantes que desenvolvíamos.

As atividades que desenvolvíamos nas práticas eram procedimentos técnicos assistenciais Dilma, assim, geralmente procedimentos fragmentados, mas também a gente sempre fazia aquilo que a gente chamava da consulta em enfermagem que era uma consulta da enfermeira em que muitas vezes a gente também aplicava, estabelecia um planejamento de assistência a essas pessoas, mas esse planejamento que deveria ser desenvolvido pela trabalhadora que mais arca com as tarefas e atividades assistenciais que naquele tempo eram até as atendentes de enfermagem não era nem as auxiliares e técnicas como é hoje, então a gente prescrevia pra elas um planejamento que é óbvio que elas não executavam né, e a enfermeira se encarregava da coordenação e processo de trabalho em enfermagem e da articulação desse processo de trabalho de modo geral, éramos nós as estudantes que também participávamos dessas atividades gerenciais.

Do ponto de vista assistencial eram banhos, consultas, passagem de sondas naso-gastricas, por exemplo, eram curativos, muito curativos, providencias de procedimentos de exames, de materiais para procedimentos que os médicos iriam desenvolver, ou proceder e demandar processos de realização de exames, fazer anotações sobre o desenvolvimento do estado de saúde da evolução do paciente como assim era referido de fato era uma formação extremamente técnica assistencial fragmentada que não nos permitia ter uma consciência do que era mesmo o trabalho da enfermeira ou o que a enfermeira iria desenvolver ao longo do curso. Essas atividades eram desenvolvidas em unidades de internação prioritariamente diferentes e quando nos centros de saúde eram direcionadas para mulheres no ciclo reprodutivo em idade de reprodução porque eram essas as pessoas que interessavam as políticas de saúde daquele tempo e crianças geralmente crianças até 5 anos de idade, e portanto, era esse tipo de procedimento que nos realizávamos.

Nós tínhamos uma disciplina chamada supervisão em enfermagem que na época a gente desenvolvia práticas no curso de formação de auxiliares em enfermagem era vinculada a UFBA, hoje ele pertence à escola técnica de formação e saúde da SESAB e nos dávamos

aulas a estas estudantes do curso de formação de auxiliares em Enfermagem.

7 – PODERIA AJUDAR A IDENTIFICAR ALGUNS OBJETOS DO NUMEE A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS QUE MOSTRAREI?

Ilustração nº 4- Jarra de inox – utilizada para carregar àgua, para procedimentos de higiene do paciente, banho de leito, lavar o cabelo, quando assim era necessário, higiene oral lembro que utilizei dessas principalmente no hospital Ana Nery e no hospital universitário Edgar Santos.

Ilustração nº 5 - Frasco de aspiração – não recordo do nome, mas recordo vagamente de ter visto ou ter utilizado em algum dos hospitais onde fazíamos praticas, parece um frasco de coleta, de drenagem, ele me parece isso, mas não sei o nome técnico desse frasco.

Ilustração nº 6 – Irrigador – esse objeto em vidro, essa câmpula, eu acho que ela servia para proteger determinados utensílios que se colocavam gazes, ou algodões, que necessariamente não estacam estéreis para algum tipo de higiene de limpeza, eu me recordo como uma proteção.

Ilustração nº 7 – Pinça – não lembro mais o nome técnico, lembre-se que nunca trabalhei como enfermeira em hospitais, meu campo sempre foi à saúde coletiva não me recordo, mas, lembro muito bem dela, que era utilizada para pegar determinados outros utensílios estéreis, por exemplo, como seringas de vidros, era uma pinça auxiliar para capturar ou segurar outros objetos que não poderiam ou deveriam ser manuseados de imediato com a mão visando manter os princípios da assepsia da época.

Ilustração nº 8 – Frasco de Soro – o frasco de vidro graduado era utilizado para várias coisas, por exemplo, na drenagem torácica de pacientes pós-cirurgia ele era utilizado, na drenagem peritoneal, ou mesmo para coleta de urina quando precisava fazer o controle hídrico de pacientes ele era um vaso graduado justamente para se medir a quantidade do liquido expelido e que era necessário ser controlado a depender do diagnostico da pessoa hospitalizada.

Ilustração nº 9 – Cuba/ Vaso de Reagente – o frasco em vidro quadrado eu me lembro que esses frascos eles eram recipientes para se fazer assepsia ate por exemplo daquela pinça auxiliar ou de outros objetos que eram submersos em líquidos que faziam asséptico na época e se fazia uma assepsia química de determinados objetos que eram utilizados na cuidado prestado na assistência prestada a pessoa hospitalizada me lembro de um desses contendo um líquido cor de rosa onde se colocavam as pinça auxiliares que eram mantidas ali com as pontas dentro do liquido para por exemplo no uso na enfermaria num processo de curativo ela pudesse ser uma pinça auxiliar e se mantivesse as suas pontas assepticamente limpas.

Ilustração nº 10 – Campânula - A Campânula de vidro, eu não a conheço, não lembro nunca de ter utilizado em praticas durante meu período de estudante, mas ela me parece uma

daquelas ventosas que são utilizadas para uma dessas pratica chinesas hoje ditas tradicionais alternativas os nomes equivocados, umas das práticas de uso, mas não lembro dela ser utilizada na minha presença ou durante as minhas praticas por professoras ou enfermeiras, ou outra trabalhadora dos hospitais onde transitei como estudante.

Ilustração nº 11 –Umidificador Alternativo – Esse frasco a gente colocava soro, tinha um aparelho, uma máscara, é como se fosse um, é umidificador mesmo que chama, mas era para fazer uso de medicamentos pra quem estava com problema respiratório, acho que o nome é esse mesmo umidificador!

APÊNDICE - D

ROTEIRO DE ENTREVISTA IV

Entrevista gravada com aparelho celular realizada em: 30 de maio de 2018.

Local: Escola de Enfermagem.

1 - NOME: Isa Maria Nunes

2 – IDADE: 59 anos

3 – PROFISSÃO: Enfermeira

4 – VINCULO COM A ENFERMAGEM: Professora da Universidade Federal da Bahia

5 – FEZ CURSO DE ENFERMAGEM NA EEUFBA?

(x) SIM () NÃO QUANDO? (1980 - 1985)

6 – DURANTE O CURSO DESENVOLVEU ATIVIDADES PRÁTICAS NA ÁREA DE ENFERMAGEM? QUAIS? Todas as Teóricas e práticas sim na área de enfermagem como aluna. Todas as atividades previstas no currículo, além de algumas atividades extracurriculares como voluntaria ou como bolsista em serviços de saúde de Salvador.

7 – PODERIA AJUDAR A IDENTIFICAR ALGUNS OBJETOS DO NUMEE A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS QUE MOSTRAREI?

Posso tentar algumas eu me lembro de ter tido contato nas práticas, outros não, não me recordo, mas por comparação, me lembrando do que eu encontrava nos serviços de saúde, posso fazer uma comparação e tentar identificar para que servia.

Ilustração nº 4- Jarra de inox – me lembro bem dela porque era bastante utilizada, nós tivemos aula é aqui, como demonstração de qual material seria usado por exemplo, como banho de leito e essa jarra constava entre esse material demonstrado, e ao chegar no serviço de saúde para realizar banho de leito encontrávamos uma jarra praticamente igual, tamanho variado, alguma coisa, me lembro bem dessa jarra, ela me lembra bem o banho de leito.

Ilustração nº 5 - Frasco de aspiração – frasco de vácuo realmente utilizado para aspiração, que ele contém uma entrada e uma saída com uma cânula um tubo que vai para parede para puxar o vácuo e o outro onde se colocava uma cânula, uma borracha com uma sonda para aspirar o paciente e neste vidro se mantinha o soro ou água destilada para aspiração, mas também se fosse usado para umidificar oxigênio também poderia ser o mesmo vidro só que seria com soro ou com água apenas para umidificar o oxigênio que vai para o paciente.

Ilustração nº 6 – Irrigador – me lembro de demonstração também para lavagem intestinal, na demonstração com esse irrigador, tinha outro modelo também, onde se adaptava uma

borracha ele ficava pendurado num suporte de soro, onde era colocada a água se fosse com outro produto como vaselina, glicerina, algo assim, onde fosse utilizado para lavagem, dele então drenava água pelo tubo e na sonda que era colocada na pessoa que iria fazer a lavagem.

Ilustração nº 7 – Pinça – para pegar gaze ou algodão, pinça tipo anatômica, que prende, usada para manusear o material durante um curativo, em algum procedimento essa pinça não me lembro bem do nome exato dela, mas pelo formato era utilizada para pegar material, gaze ou algodão.

Ilustração nº 8 – Frasco de Soro – esse vidro originalmente eu me lembro dele como sendo vidro com soro, antigamente, acho que ainda existia o soro uma embalagem como nos vemos hoje plástica, mas eu me lembro ainda também da possibilidade de ser comprado, adquirido, ou ser feito no próprio hospital, encher com material para soro, mas também como ele sendo um liquido desse que depois de não ter mais utilidade com o próprio soro, ele era usado para drenar secreção, então ia ter uma borracha, ia ter também uma cânula algo que estava conectado ao tórax por exemplo, que iria por gravidade descer pra borracha e ia ser o recipiente.

Ilustração nº 9 – Cuba/ Vaso de Reagente – por aqui não dá para perceber se é vidro ou plástico, um recipiente pra alguma coisa, não vejo tampa nele, não consigo dizer o que era exatamente, mas poderia ter varias utilidades, mas sem tampa, talvez para jogar algum material descartável, não consigo ter a exata noção do que seria.

Ilustração nº 10 - Campânula- parece uma lâmpada, me lembro dele nas atividades de laboratório, aula de microbiologia, onde a gente usava algum material, usava uma cânula e na hora de apagar vinha com esta tampa botava em cima da lâmpada e apagava a chama, talvez para exame, a gente fazia exame de reação para pesquisa de glicose na urina, por exemplo, a gente pegava a urina botava num tubinho de ensaio e ia aquecer precisava de um aquecimento no fundo do tubo de ensaio, então fazia na lamparina, depois de fazer isso ai vinha com a tampa e cobria isso me faz uma relação com essa pinça agora estou me lembrando, essa pinça era bem adequada para segurar o tubo, para você não pegar no tubo, que ele ia aquecer você segurava o tubo com essa pinça também segurava o tubo de lado fizemos isso varia vezes no serviço para fazer o teste de glicose na urina do paciente, além de pegar gaze e algodão, ela era utilizada para segurar o tubo de ensaio, agora me lembrei, porque me lembrei segurando esse tubinho, ainda não tinha essa fita como hoje a gente põe a fita na urina e sai a cor, ainda peguei alguns exames sendo feito assim, a urina colocada no tubo de ensaio e ai como essa pinça tem essa curva, ela segura bem o tubo de ensaio, ai a gente sacudia um pouquinho, botava na lamparina havia uma mudança de cor, ali a depender daquela cor a gente ia na

parede olhava a cor ta igual a qual dessa ai dava o resultado uma cruz, duas cruzes, três cruzes...

Ilustração nº 11 – Umidificador Alternativo – seria uma opção no lugar desse aqui do vácuo, outro tipo de vidro também com uma adaptação de borracha com uma entrada e uma saída com a cânula de borracha com o objetivo ou de aspirar secreção ou de umidificar oxigênio. Uma forma alternativa.

ANEXO

EMAIL COM RESPOSTA DA PROFESSORA DARCI DE OLIVEIRA SANTA ROSA:

Email enviado dia: 25/10/2016 às 14h05min – dilma-minha@hotmail.com
Resposta do email: 28/10/2016 às 16h05min – darcisantarosa@gmail.com

Conteúdo da mensagem via email da professora Darci Santa Rosa com relação à identificação das peças enviadas por fotografias:

Dilma e Sidélia

Como vimos anteriormente em minhas lembranças as peças

1 – jarra que usávamos para dar banho em pacientes e atrás pratos de sopa

2 - Frasco de aspiração a vácuo de parede (material importado)

3 - Não estou segura, mas parece um irrigador de vidro para lavagem intestinal por gravidade (importado)

4 - Pinça para pegar gaze ou algodão

5 - Frasco de soro (em vidro) aproveitado para uso em drenagem de tórax, usado em circuito de 2 unidades para selo d água

6 - Em outros momentos foi utilizado para substituir os frascos de aspiração o vácuo de parece.

7 - Tampa de lâmpada de álcool (até onde me lembro)

Abraços

Darci